

PENTAGRAMA

“Algumas pessoas subiram essas montanhas”, disse Sabedoria. “Elas venceram uma a uma essas rochas áridas e, vagueando nas alturas, algumas delas conseguiram encontrar e recolher uma pluma branca, prateada, caída da asa da Verdade”. E o ancião, levantando-se profeticamente e apontando o dedo para o céu, continuou: “E sucederá que esses homens ajuntarão muitas plumas prateadas e farão uma corda e com ela tecerão uma rede a fim de capturar nela a Verdade. *Apenas a Verdade pode conter a Verdade*”.

Olive Schreiner, *Een plaats in África*
(Um lugar na África), 1883.



SUMÁRIO

- 2 DE QUE SERVE ISSO?
- 4 DO TESOURO DE HERMES ^(I)
- 5 VIDA SEM CONFLITO
- 10 DO CAMPO DE TRABALHO...
- 22 DO TESOURO DE HERMES ^(II)
- 23 A FORÇA DA GNOSIS
- 25 UM LUGAR NA ÁFRICA
- 33 A REVELAÇÃO DA MISTERIOSA SABEDORIA
- 37 DO TESOURO DE HERMES ^(III)
- 38 COMO UMA CRIANÇA QUE DÁ SEUS PRIMEIROS PASSOS

ANO 29 NÚMERO 2
ABRIL 2007

Foto da capa:
Representação feita por computador de modelos de energia formados pelas colisões entre as ondas do oceano e as contra-correntes dos turbilhões.

DE QUE SERVE ISSO?

A cada novo ano fazemo-nos essa pergunta, de uma maneira ou de outra. A mídia também se preocupa com isso, e também nós freqüentemente desejamos dar uma olhadinha nas previsões, sem deixarmos nada ao acaso. Quando não podemos ter uma influência direta sobre algo, pelo menos fazemos “votos” em forma de belos cartões impressos de ante-mão, com fórmulas calorosas ou comedidas; e com nossos “melhores pensamentos” importunamos os Senhores do Destino para que se mostrem mais clementes com a humanidade.

Isso é simplesmente inútil. Ninguém melhora com isso, e nossos votos são armas descarregadas que fazem muito barulho e agitam o ar por nada. Porém eles estão cheios de boas intenções. Onde está o erro? Não se fala tanto sobre a magia da palavra, sobre a força dos pensamentos?

Todavia serão esses pensamentos verdadeiramente positivos? Uma radiografia imparcial de nossa personalidade com freqüência mostra que fazemos votos benévolos mesclados de maledivolência, que nossa simpatia é acompanhada pela antipatia, nosso amor, pelo ódio, nossa filantropia, pelo egoísmo. Cada sentimento pressupõe o seu contrário. Nós, seres humanos, não paramos de ir e vir, de construir e demolir. Se nosso espírito é de uma grande-

za inimaginável, é também limitado e de uma pequenez estupefaciente. Ele é como um balão à deriva, arrastado pelo menor sopro do destino. Quem, nessa base, espera desejar algo, e para quem?

Estamos agora em 2007. O que nos trouxeram o ano de 2006 e os precedentes? Essa é uma pergunta intrigante, mas, um ano deve nos trazer alguma coisa? Talvez não seja essa a pergunta a ser feita, mas sim: o que nós oferecemos em todos esses anos? E o que temos para oferecer em 2007 e nos anos que virão? Para tornar efetivo semelhante pensamento seria necessário mudar totalmente as regras do jogo: por exemplo, parar de desejar, de esperar, de prever – ou de consultar os videntes. Nós *fazemos* o futuro agora. Ou melhor, vivenciamos o futuro com a bagagem do passado. Aqui e agora. Agora devemos responder e parar de fazer perguntas.

Isso deve ser feito unicamente em 2007? Certamente que não. Esta data em si não é importante. É *agora* que é preciso fazer. Contudo, $2+7=9$, o número do homem, por conseguinte proclamamos 2007 com os demais anos seguintes o *ano do Homem*. O Homem com letra maiúscula, que através das nuvens percebeu o clarão de uma nova luz. Seria isso o renascimento que se anuncia de maneira irrefutável se tão-somente quisermos ver

os sinais de uma nova “*Hora est*”, chegou a hora? Quem poderá dizer? É dito: “Colhemos o que semeamos”, e isso significa que tudo que colhemos foi semeado por nós mesmos, o que nem sempre é agradável. Essa é uma verificação desconcertante que pode revelar-se libertadora e mudar nossa visão sobre a vida, sobre o destino e sobre nós mesmos.

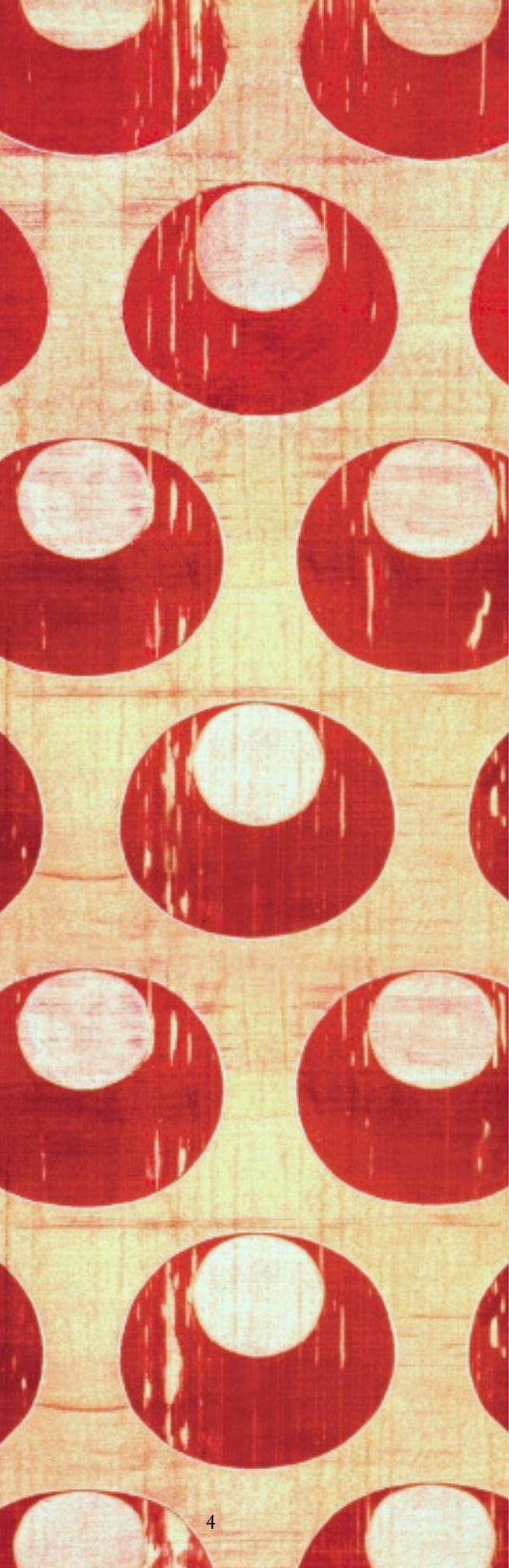
Devemos dar à nossa personalidade, por mais forte que ela seja em todas as suas pequenas particularidades, o lugar que lhe cabe: ser tão-somente uma servidora em segundo plano, pois seu lugar é a terra. O que realmente importa é o Outro em nós, o portador de luz. Com ele somos filhos da luz, capazes de espalhar a luz sobre o mundo, que segue curvado sob a ignorância e o medo. Não à custa de belas palavras ou de atos de heroísmo, mas com a nova inspiração de nosso pensar e desejar, cheios de uma luz que não tem sombra.

Será que com isso conseguimos melhorar o mundo? Neste mundo nunca faltaram reformadores. Deixemos o mundo como ele é, pois ele faz o seu trabalho. Quanto a nós, façamos *nosso* trabalho, sem nos perguntar se somos ou não capazes nem qual será o resultado, sem recair em visões futuristas. Devemos simplesmente estar presentes, aconteça o que acontecer, munidos de otimismo realista,

mesmo através de nossas lágrimas, porém preenchidos da alegria infalível de servir a nova Luz. Bem-vindos ao *nosso* ano de 2007!

“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus”. (Mateus 5:16) A linguagem aqui é clara, dinâmica e direta [...]
Deixai vossa luz brilhar! Quando e onde? No mundo das trevas para o homem que necessita luz. Dai testemunho da existência de Deus por ações num mundo onde existe a necessidade de construção, onde vossas ações espontâneas são prementes. Podeis deixar vossa luz brilhar? [...] sois capazes de empreender essa tarefa. Não esperamos a paz para amanhã, criamos a nova manhã. Nossa luz brilha nas trevas. [...] erguemos nossa cabeça e sorrimos, pois vemos a luz que vibra tão irresistivelmente dentro de nós, sobre o mundo e a humanidade, e criamos a manhã, proferindo estas radiantes e ígneas palavras: ‘Novo Sol, desponta!’
E o Novo Sol desponta; ele ascende no firmamento. Nós nos unimos de modo que, através de nossas obras e nosso empenho radiante, os homens glorifiquem o Pai que está nos céus”.

Rijckenborgh, J. v., *A luz do mundo*.
São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1984.



DO TESOURO DE HERMES ⁽¹⁾

Hino do muito excelso Hermes
ao Todo-poderoso

*Guardião de olho ardente do fogo eterno,
que vivifica as correntes do éter,
fortaleces o calor do sol,
afastas as nuvens através de uma grande
tempestade,
para quem não há nome.*

*Eu te conheço como olho eterno, imperecível,
onisciente e terrível,
pai do Universo, Deus único,
em cuja origem não há nada nem ninguém.*

*Depois de ti eu venero teu filho unigênito,
eterno, de ti nascido,
pela força penetrante e indizível
de teu espírito e de tua voz,
engendrado no mesmo instante,
sem inveja nem paixão,
teu Logos autocriado.*

*Ele é Deus,
a essência oriunda de tua essência, de ti, Pai,
a imagem imutável e completamente igual,
espelho de tua beleza,
ele está em ti, e tu nele,
um semblante que gera alegria mútua.*

FONTE:

Broek, R. v. de, *Hermes Trismegistus*, Inleiding,
Teksten, Commentaren. Amsterdã: De Pelikan,
2006, p. 8.

VIDA SEM CONFLITO

Uma vida sem conflito!

A idéia é simples.

Talvez, com um sacudir de ombro, digamos:

“Ah, existe um pequeno conflito de

tempos em tempos;

a vida é assim mesmo,

mas você não deve dar tanta

importância a isso”.

No mito bíblico da criação, a queda do homem começou com um *conflito*, mediante o comer do fruto de uma árvore misteriosa simbolizando a discórdia, a divisão e o conflito. Comer desse fruto significa dar ouvidos às “sugestões da serpente”, o que deu início a esta vida transitória. Referimo-nos aqui a um tempo bastante remoto, mas que dura até hoje. O conflito vem sendo nosso quinhão cotidiano, hoje, amanhã e depois de amanhã... a menos que um clarão de lucidez nos desperte.

Dia após dia comemos do fruto da árvore das forças contrárias: os impulsos negativos e positivos. E não pode ser de outra forma, pois fomos criados através desses impulsos.

Nossos pensamentos e sentimentos estão sujeitos à escolha que incessantemente somos forçados a fazer entre o bem e o mal, a favor ou contra, simpatia e antipatia, entre o meu parecer e o parecer do outro; a árvore da discórdia oferece-nos uma variedade infinita de frutos. Mas a epopéia humana começou no mesmo instante em que o homem comeu o primeiro fruto. Depois disso, os outros frutos passaram a ter o mesmo sabor e o mesmo efeito.

O fato de comer esse primeiro fruto implica, ainda e sempre, na negação da unidade divina, na negação da plenitude original, do estado paradisíaco, afastando-nos do sagrado, do universal, da Luz.

Conhecemos a imagem da serpente que se enrola em torno da árvore. Ela representa a força espinal da consciência. *Spina* significa “espinha dorsal”, portanto “espinha”, as saliências das vértebras dorsais. A energia espinal enrola-se como uma serpente ao redor da coluna vertebral e manifesta-se na cabeça como faculdade mental, como razão.

A razão, a faculdade mental, semeia a dúvida e a discórdia. Ela divide. Ela engendra conflitos e discriminações contínuos. Como todos os povos da terra, diariamente fazemos essa experiência. Mas o fazemos principalmente em nós mesmos, pois o conflito se enraíza *em nós* enquanto voltamos nosso olhar para o exterior e apontamos o dedo para os outros, persuadidos de que eles são a causa dos conflitos.

Contudo, a causa encontra-se em nós mesmos, pelo fato de o equilíbrio original do microcosmo ter sido perturbado.

O desenvolvimento do autoconhecimento e da compreensão das coisas é da mais alta importância, e o primeiro passo para a libertação é a liberdade.

Certamente, a causa de uma dissensão pode provir de fora, porém se ela não se apoderar de nosso mental, se ela não suscitar nenhum eco, o conflito não será possível. É a um microcosmo desamparado que devemos nossa vida plena de mágoas, de rupturas. Por

consequente, a possibilidade de anular esse sofrimento encontra-se em nós mesmos. A personalidade é parte integrante do microcosmo e tem uma tarefa essencial a cumprir. A palavra “cosmo” significa ordem, aglomerado de vários elementos segundo um plano. Diferentes forças e disposições no microcosmo atuam em comum acordo: unidade na diversidade e diversidade na unidade. Uma intuição bastante sutil é a chave, o instrumento que permite reconciliar os farraços de nossa existência.

UNIDADE NA DIVERSIDADE E DIVERSIDADE NA UNIDADE

Nosso microcosmo, ou “pequeno cosmo”, é um sistema que comporta forças e tendências, esferas de consciência e corpo. Na origem, ele existia em perfeita harmonia, porém o equilíbrio foi rompido. Na linguagem simbólica do sábio ensinamento bíblico esse fato é mencionado por meio de uma imagem: comer o fruto da árvore do bem e do mal. A ordem divina, o puro fogo alquímico da consciência do sal, do enxofre e do mercúrio, foi perturbada pela serpente com língua bifurcada, os dois cordões do DNA com os pares de nucleotídeos ATGC; ela rompeu a unidade, a plenitude do amor. A árvore paradisíaca do conhecimento do bem e do mal transformou-se na árvore da discórdia da qual diariamente comemos os frutos. Por que é assim?

O conflito consiste em confrontos, dissensões, choques nos planos mental, psíquico e físico. Ora, enquanto não resolvermos os conflitos primeiro em nós mesmos é impossível viver em paz com os outros.

“Ama a Deus, a ordem universal, acima de tudo, e a teu próximo como a ti mesmo.” É isso ainda uma tarefa impossível, ou sentimos nessas palavras o pulsar do coração da vida? Nesse nível, amar a si mesmo significa viver *sem conflito* consigo, procurando, em profunda aspiração e em total devoção, a ordem divina. Do contrário, entraremos





Olhamos sempre para fora
e apontamos para os outros.
Estamos sempre convencidos de
que a causa do conflito está no
outro. Mas a causa está em nós
pelo fato de o microcosmo ter sido
perturbado. O desenvolvimento do
autoconhecimento e do
discernimento mediante a
personalidade é muito importante.
É o primeiro passo para
uma vida livre e libertadora.

sempre em conflito com os outros.

A árvore das forças opostas não é um mito antediluviano e obsoleto. Ela está erigida em nós mesmos desde a noite dos tempos, e nós a personificamos. Os conflitos e discórdias assaltam nosso coração, monopolizam nosso cérebro e nos acossam sem descanso, condicionando nossos atos. Quantas vezes num dia, numa hora, num minuto, não dizemos sim ou não, não tomamos uma posição a favor ou contra? E isso em nossas relações com os outros, com a família, com nossos colegas, com as situações em nosso trabalho, com a conjuntura mundial ou com o tempo! Todos os nossos conflitos nos ocupam intensamente, estimulam nossos sentimentos, nossas emoções, e alimentam um interminável monólogo interior. Estamos sempre julgando, sem mesmo ter consciência disso. O medo, a pior tortura da existência, provém do conflito original que nos separou por completo interiormente da ordem divina.

O medo, a dúvida e a incerteza são as verdadeiras causas de cada conflito, camuflado ou não, de agressividade, provocação ou hostilidade. Isso sem falar da luta entre nosso mental e nosso coração, entre nossos pensamentos e nossos sentimentos.

Sentimos a discórdia até a medula dos ossos, ela impregna nosso sangue, nosso campo de respiração e os diversos estratos do microcosmo. A ordem divina foi perturbada. Essa é a nota fundamental de nossa vida, que ressoa no imo de nosso ser, e não em algum lugar fora de nós, embora a ocasião freqüentemente venha de fora. O conflito é uma atividade que emana do mais profundo de nosso ser como sentimento de ruptura, de dilaceração. Ora, o sentimento sempre procede de nós.

“Ama a Deus acima de tudo e a teu próximo como a ti mesmo”.

Sentimos que essa injunção é uma chave, mas como servir-nos dela? Amar a Deus, a ordem original e universal de todas as coisas, acima de tudo, ou seja: “Eleva-te até o divi-

no, une tua alma a Deus, à sua infinita e incomensurável força, fonte de amor, sabedoria e força”. O amor é ordem, unidade, cooperação e coexistência. Nossa razão jamais poderá compreender isso, pois ela não se expressa nesse plano. A sabedoria é unidade e ordem que se manifestam na força e no Espírito divinos e por meio deles. Quanto ao amor divino que tudo engloba, ele é tudo em *um*.

Às vezes é possível ver a superfície de um lago como um espelho imóvel. Se uma pedra é atirada ou uma gota de chuva toca a água, a partir do ponto de impacto formam-se círculos concêntricos perfeitos que vão se alargando. E se a alguma distância outras pedras ou outras gotas caírem, o que veremos? Veremos outros círculos expandirem-se na superfície da água a partir do ponto de contato. Em seguida, todos esses círculos se encontrarão e interpenetrarão. Disso resultará um magnífico emaranhado, uma arquitetura movente de ondulações que se entrecruzam, apresentando um espetáculo fascinante. Enquanto apenas três ou quatro círculos se sobrepõem, conseguimos seguir seu movimento. Mas, quando acontecem dezenas de impactos sobre a água, nosso esforço de atenção é inútil e podemos tão-somente entregar-nos à beleza das formas que deslizam na superfície. O que à primeira vista pode assemelhar-se a um campo de colisões caóticas revela-se um conjunto harmonioso de movimentos. Pode-se dizer que um consenso foi atingido, uma conciliação nascida de uma ordem interior. Um consenso marca o fim do conflito. Uma vez instaurado em nosso próprio sistema microcômico, o consenso estende-se às nossas relações com os outros, com todos que se esforçam para avançar no caminho da verdade.

Temos muito a aprender com a água se soubermos olhá-la bem de perto. O padrão de interferências pode deixar-se decifrar. Uma interferência provém do encontro de dois movimentos simultâneos que se opõem ou se reforçam. A água é um elemento ex-

traordinário. Lao Tsé também fala sobre a água no *Tao Te King*. A Doutrina Universal faz referência à água enquanto símbolo de cura. Beber da água da vida é o meio de chegar a um estado de consciência superior, e pelo fato de a consciência ser criadora e reveladora, beber da água viva significa elevar-se a um novo estado de vida.

ESTADO DE CONSCIÊNCIA É ESTADO DE VIDA

Nesse axioma se encontra uma chave para a renovação. A transformação da consciência transforma a vida. Quando uma nova consciência nasce, aparece uma vida renovada. A consciência cria, revela, pois ela é energia. Quem não muda sua consciência comum manifestará tão-somente uma vida egocêntrica e rotineira. Se sua consciência estiver ainda ligada a eras precedentes e for influenciada pelos mecanismos e esquemas de pensamentos da era de Peixes, Áries ou Touro, a vida se expressará em conformidade com elas. Mas se a consciência se abre às novas energias da era de Aquário, nossa vida dará testemunho dela, do mesmo modo que nossas relações com outras pessoas.

Entendimento, concórdia, comum acordo, cooperação, abertura, clareza, humildade, harmonia de uma ordem restaurada, amor, eis em que consiste o novo espírito de Aquário. Isso não é algo para amanhã, mas para *agora*, imediatamente. Aquário atua para a formação de uma unidade universal segundo um novo modelo energético. Isso, porém, necessita do restabelecimento da unidade em nosso microcosmo, na medida que deixamos atuar em nós o novo “espírito do tempo”. A abertura da festa do amor universal ressoa *aqui e agora*.

Voltemos à imagem dos círculos na água que partem do ponto de impacto. A mesma imagem simples e surpreendente representa o microcosmo renascido para a vida. Há em nosso coração um ponto de contato luminoso do qual partem ondas circulares, um

ponto central que é a rosa despertada para o toque dos raios de luz provenientes da ordem divina, o grande cosmo do amor. Seu campo de manifestação alarga-se em círculos, ondas vibratórias de luz que dão forma ao microcosmo.

A realidade microcós mica é multidimensional. O microcosmo que vive na harmonia e na ordem divina aparece como um sistema de ondas e de energias circulares que se expandem, permanecendo em contato com o Ser divino incomensurável. A partir do momento em que o ponto central se torna ativo, realiza-se uma maravilha no

homem: realiza-se o consenso. A dilaceração interior chega ao fim do conflito imemorial devido às sugestões que a serpente de língua bifurcada sussurra na árvore misteriosa. Eis o fim de todos os conflitos externos. Quando a ordem divina é restabelecida em nós e o amor outra vez emana da fonte, então temos amor para todos.

Assim é Aquário. *Ama a Deus acima de tudo e a teu próximo como a ti mesmo.* Então a árvore do bem e do mal torna-se a árvore da verdadeira harmonia, da ordem original e do amor. A árvore da vida é, então, erigida em nós.

Contigo, ó portadora da energia vital sagrada,
emergimos do perigo;
contigo entramos na vida libertadora;
contigo atingimos a meta de nosso novo dia
de manifestação.
Contigo singramos através da nova rota da vida;
contigo entramos na luz eterna.

Em tua irradiante luz de amor descobrimos
nossa culpa;
em ti compreendemos nosso fardo de pecados;
em ti se desvenda o grande mistério de nossa
jornada através do deserto;
em tua santidade nossa degeneração
desaparece.

Através de ti encontramos nosso Ser real;
através de ti tornamo-nos cônscios da nossa
ascensão;
através de ti somos impelidos à ação libertadora;
através de ti o alento divino da vida nos sussurra
em cada alento do coração.

Ó rosa que adornas, agora, minha cruz,
apressa-te a reabsorver a luz divina!
Transforma-a em poder libertador
neste escuro vale de espinhos que dilaceram.

Rijckenborgh, J. v., *A Fraternidade de Shamballa*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1982, cap. 3.





DO CAMPO DE TRABALHO...

Quando, em 1924, alguns amigos deram início ao trabalho que resultaria na fundação do Lectorium Rosicrucianum, eles se viram num meio bastante confuso, onde circulavam fragmentos extremamente divergentes da antiga sabedoria. As sementes do pensamento hermético estavam ali semeadas, em especial no círculo da Sociedade Teosófica. Alguns conceitos magníficos e notáveis do antigo ensinamento de Hermes encontravam-se disponíveis por escrito, obtidos mediante pesquisas literárias ou inspiração. Pode-se dizer que constituíam o esboço de uma filosofia libertadora de fato, embora os conceitos gnóstico e hermético fossem pouco acessíveis a uma pessoa não preparada.

No antigo círculo da Teosofia, volta-da de preferência para o Oriente, buscava-se mestres e adeptos provindos da Índia ou então personalidades elevadas à condição de gurus. Essa sociedade, nos primeiros anos após sua fundação na Inglaterra, veiculava, por assim dizer, uma gama inadmissível de interpretações falsas ou de sugestões duvidosas. Não se tratava de um trabalho libertador verdadeiramente estruturado. Ademais, queria-se descartar, com todo conhecimento de causa, os desenvolvimentos interiores dos dois mil anos de cristianismo. Portanto, jogava-se fora o ouro junto com a areia.

O cristianismo interior, a verdadeira “ekklesia” que sempre fora o obje-

tivo dos mensageiros da Luz, teve ocasião de se manifestar durante os dois mil anos da era de Peixes. Nos Estados Unidos, em 1909, o dinamarquês Max Heindel foi um dos primeiros a fazer a ligação entre noções esotéricas e o ensinamento cristão libertador. Na Alemanha, Rudolf Steiner fundava, em 1913, a Sociedade Antroposófica, oriunda da Teosofia, porém em parte alguma eram encontradas as doutrinas herméticas e o tão importante conceito de Gnosis para o espírito humano.

Os fundadores do Lectorium Rosicrucianum ligaram-se à obra de Max Heindel e durante dezesseis anos, até o início da Segunda Guerra Mundial, buscaram e expuseram visões e conceitos da “sabedoria antiga”. Eles estudaram também a obra dos rosacruzes do século XVII. Seu ponto de partida foi a fórmula “bondade, verdade e justiça”, reunindo sobre esses princípios, desde o início, um grupo ativo voltado para o cristianismo interior. No decorrer dos difíceis anos entre 1940 e 1945, eles compreenderam que não chegariam a parte alguma dessa maneira, pois se defrontavam com um sério problema: enquanto os conceitos universais que apresentavam continuassem ligados à consciência humana egocêntrica, totalmente orientada para o instinto de auto-conservação, obteriam os mesmos resultados que os grupos esotéricos do século XIX. Também aqui os sinais característicos seriam superestima pessoal, conduta e críticas exageradas. A pureza das idéias seria ime-



diatamente desnaturada, anulando, assim, os efeitos.

Por conseguinte, a nova atividade, após a guerra, deveria apresentar-se sob um novo sinal. Esse novo sinal é o desenvolvimento de um “novo centro da alma”, com base no puro núcleo espiritual do coração.

Um dos pilares mais importantes do trabalho da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea é a total neutralização da atividade do “eu”. Quem sempre permanece voltado para o “eu”, para sua forte personalidade, nada tem (ainda) a buscar numa escola espiritual. A “endura”, expressão que designa a demolição do grande obstáculo representado pela personalidade humana terrestre, exige modéstia e autoconhecimento unidos a um sincero desejo de libertação, de desenvolvimento da alma.

Em meados da década de 50, J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri desvelaram a seus alunos o “tesouro da sabedoria hermética”. A intenção era que, mediante auto-atividade, o grupo formado participasse do comportamento libertador e explicasse a visão profunda da antiga sabedoria egípcia concernente à ligação entre Deus, o mundo e o homem, mas desta vez sem as idéias formadas pelos homens

deste mundo. Esse também é um dos pilares fundamentais do ensinamento do Lectorium Rosicrucianum. É uma grande alegria quando se experimentam interiormente as primeiras radiações da verdadeira alma: “Deus é Luz!” Um aluno de Hermes é o primeiro que pode endossar essa sentença como verdadeira.

Se, no foco da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, cada membro dedicar-se a essa tarefa conscientemente, ao longo do tempo surgirá um novo tipo humano, podendo-se então falar “de uma poderosa e nova atividade mundial da Fraternidade”. Os membros da comunidade dispõem de energia e capacidade para, de maneira nova e atual, apresentar a verdade imutável da Doutrina Universal, sem fazer uso das belas palavras libertadoras de inúmeros escritos da literatura mundial. Se tudo estiver bem, a fraternidade, a unidade das almas, transparecerá em tudo o que empreenderem. A força libertadora da doutrina de Hermes manifestar-se-á em tranqüilidade e certeza. E os resultados não se farão esperar.

O ano de 2006 deu, quanto a isso, exemplos notáveis. Em Camarões, na África, foi construído um novo complexo templário. Novos Núcleos re-

À esquerda:
simpósio em
Birnbach.

À direita: o Núcleo
de Singen.



gionais e nacionais foram consagrados; foram organizados simpósios e várias conferências; livros foram editados. Em setembro, 2500 alunos vindos de mais de 40 países passaram alguns dias no Vale do Ariège, no sul da França, por ocasião de uma Conferência de Renovação, abençoada pela união de três grandes impulsos do Ocidente: o Santo Graal, a Igreja do Amor (o catarismo) e a Igreja Ígnea dos Rosacruz.

Daremos, a seguir, um pequeno esboço dessas atividades.

BELGRADO, SÉRVIA

Em 14 de janeiro foi consagrado, na Rozenstraat, rua de um quarteirão tranqüilo de Belgrado, um núcleo maior onde agora é possível organizar conferências. No primeiro andar desse edifício independente foi construído um local de trabalho com aproximadamente 180m²; no andar superior se encontra o templo com capacidade para 45 pessoas.

SINGEN, ALEMANHA DO SUL

Um local de trabalho foi consagrado após três anos de obras. O Núcleo,

ao qual pertencem aproximadamente 40 alunos, encontra-se entre o lago de Constance e a Floresta Negra.

SIMPÓSIO EM BIRNBACH, ALEMANHA OCIDENTAL

Em 18 de junho foi realizado no Centro de Conferências Christianopolis um simpósio sobre o tema: “A fonte da Gnosis. O despertar da alma”.

Aproximadamente 360 interessados e alunos assistiram a esse simpósio que versou sobre “O renascimento da criança divina”. Aquilo que era vivenciado nos antigos mistérios e que os velhos escritos de muitos países revelam hoje nos indica o caminho libertador que nos possibilita escapar da grande crise que a humanidade atravessa.

KOTLAS, RÚSSIA

Desde que o Lectorium Rosicrucianum, em 1993, iniciou suas atividades em Moscou e em São Petersburgo, formaram-se grupos de alunos em outras cidades. De acordo com as circunstâncias, alguns se desenvolveram e outros desapareceram. Assim, depois do final dos anos 90, um casal

À esquerda:
o Museu
Koralenko,
Ucrânia.
À direita:
no caminho,
na Rússia.



entusiasta iniciou em Kotlas um grupo que cresceu de modo lento, porém firme, e que hoje conta com aproximadamente 40 membros ativos.

A localização de Kotlas, 1500 quilômetros a noroeste de Moscou, no distrito de Arkhangelsk, próximo a Moscou e São Petersburgo, permitiu que o Lectorium Rosicrucianum aís empreendesse um trabalho. Sustentado por 40 alunos vindos de todos os outros Núcleos da Rússia, uma grande festa espiritual aconteceu em Kotlas durante o quente mês de junho de 2006.

Kotlas ocupa uma posição bastante excêntrica com relação ao coração espiritual vivente e vibrante do campo de trabalho europeu, mas está agora mais fortemente ligada ao corpo-vivo, que não conhece fronteiras nem distância. Essa é a razão pela qual informamos acerca dessa ligação aos irmãos e irmãs que irão assegurar o trabalho da Escola da Rosacruz Áurea em 2007.

Moscou. Isso se explica pelos estreitos laços políticos e culturais do passado.

Há dois anos se apresentou a oportunidade de desenvolvimento, em escala modesta, das atividades da Escola Espiritual na cidade de Poltava (300 km ao leste de Kiev, a capital). Em outubro de 2006, sob os auspícios das autoridades locais, o pequeno grupo de alunos ali residentes pôde desenvolver várias atividades, dentre as quais uma palestra pública. O museu Koralenko (nome de um escritor russo), que dispõe de um local apropriado, acolheu o Lectorium Rosicrucianum, o que foi particularmente valioso para o trabalho. Essas atividades permitiram dar um novo impulso aos alunos que vivem nesse país, o mais vasto da Europa, e são evidentemente sensíveis às duas esferas de influência política e cultural do leste e do oeste, e também de sustentar seu crescimento no caminho de desenvolvimento do novo homem.

À esquerda:
Kingston, Canadá.
No centro:
interior da
tenda-templo em
Ussat-les-Bains,
França.

POLTAVA, UCRÂNIA

Com certa regularidade, alunos de diferentes partes da Ucrânia participam das conferências realizadas em

INVERARY/KINGSTON, CANADÁ

Em 12 de agosto de 2006, em Inverary/Kingston, Ontário, ocorreu a consagração de um templo no primei-



ro Centro de Conferências do Canadá de língua inglesa.

As 42 pessoas presentes lotaram o novo templo e vivenciaram juntas o alegre acontecimento da consagração e da conferência de fim de semana. O tempo estava magnífico, e as refeições foram tomadas no refeitório ou fora, numa tenda, e cada participante desfrutou do espaço e da tranqüilidade do grande terreno. Essa consagração representa uma etapa importante do trabalho no continente americano. Em Kingston são realizadas anualmente quatro Conferências de Renovação. Os alunos canadenses, e também os de Quebec, onde se fala o francês, bem como os do leste dos Estados Unidos podem chegar facilmente a Inverary, onde são calorosamente acolhidos.

CONFERÊNCIA DE USSAT, 2006

De 9 a 13 de setembro ocorreu a décima sexta Conferência Internacional do vale do Ariège, no sul da França, onde, há quase meio século, foi erigido o monumento Galaad em testemunho e confirmação da força sempre crescente da atividade das três sublimes Fraternidades da Luz: Graal,

Cátaros e Cruz com Rosas. Nesse lugar muito particular se reuniram aproximadamente 2500 alunos do Lectorium Rosicrucianum provenientes de 40 países, a fim de confirmar o triunfo da Gnosis universal em nosso tempo.

O encontro no Vale do Ariège teve por missão a realização das palavras do Sermão da Montanha: “Ponde vossa luz no velador para que ela ilumine todos os que estão na casa,” com esta adição: “e todos que ainda virão à casa”. Cada participante leva consigo essa luz; assim, muitos raios luminosos se espalharão sobre toda a terra.

MALTA

Todos os anos se realiza na Ilha de Malta uma Conferência de Renovação da qual participa um pequeno porém entusiástico número de alunos. Em 2006, nos dias 3 e 4 de novembro, Wardija Hill, Top Village, foi o local de uma magnífica Conferência.

STARA ZAGORA, BULGÁRIA

No dia 4 de novembro foi consagrado em Stara Zagora o segundo Nú-



cleo da Bulgária. Ele está situado no centro do país (conforme o mapa) e é de fácil acesso. Os alunos que vivem perto do Mar Negro têm de percorrer apenas 200 km em vez dos 400 km necessários para chegar ao Núcleo situado em Sofia, a capital. Stara Zagora é um núcleo em rápida expansão que até então contava com 40 alunos. Num grande prédio de escritórios no centro da cidade foi instalada uma sala que serve de templo. Na consagração foi possível aí acomodar 122 alunos. No decorrer da refeição fraternal servida num hotel próximo, os alunos experimentaram fortemente sua ligação com o trabalho internacional durante a leitura de despedida e os votos de boa sorte. No dia seguinte foi realizado um serviço aberto ao público, onde foram acolhidos sete novos alunos.

SIMPÓSIO NO CENTRO DE
CONFERÊNCIAS RENOVA,
EM 7 DE MAIO DE 2006

O tema desse simpósio foi “A palavra oculta”, expressão que aparece nas três grandes religiões ocidentais de modo direto ou em segundo plano. A primeira alocução, que tratou

sobre o Verbo invisível do Islã, mostrou como, vindo da Arábia, o hermetismo penetrou no Ocidente, foi recebido sob uma forma pura e depois expandido pela mediação do personagem simbólico Cristiano Rosacruz, isto é, todos os irmãos e irmãs que, no Ocidente, através dos séculos, se esforçaram por fazer os alunos alcançar o crescimento da alma-espírito. A base interior de todas as religiões autênticas não conhece diferenças entre raças, crenças e formas sociais. Maomé recebeu a palavra de Gabriel, e quem sabe interpretá-la para os seus semelhantes é um profeta. Dentro do Islã surgiram muitas fraternidades que, inspiradas pelo Verbo, encontraram o caminho para o homem interior. Sua palavra, sua forma e seus ritos estão estreitamente aparentados aos dos rosacruzes do século XVII. Esse antigo grupo de irmãos e irmãs que se apresentaram sob o nome de Cristiano Rosacruz organizou sua Fraternidade segundo o modelo árabe. De acordo com a tradição, CRC estudou intensamente esse modelo em sua viagem a Damcar e a Fez.

A segunda alocução foi a do rabi Michael Portnaar, que tratou sobre a

Conferência
e inauguração
em Stara Zagora,
Bulgária.



Cabala e sobre o lugar do amor. De maneira brilhante, esse orador apresentou questões vitais essenciais à luz do Zohar e da Cabala segundo Luria, como por exemplo: Existe amor sobre a terra? Em caso afirmativo, que é o amor segundo a instrução que o homem recebeu ao nascer? O que podemos nós sem esse amor? Como podem o indivíduo e a humanidade chegar à perfeição e à verdadeira forma do amor? Quais são as fórmulas do amor e do caminho que conduzem à realização final?

A Cabala está ligada a forças salutaras e criadoras e as oferece a todos os buscadores. Ela está penetrada da idéia de unidade inabalável inscrita no plano da criação.

A terceira alocução tratou de uma ode ao Cristo, que tem tudo em si, homem, anjo ou Mistério, e o Pai, que se encontra no Evangelho gnóstico de Filipe. Esse evangelho provém da escola de Valentino, que viveu em meados do século II. Esse sábio escritor estava a par da nova doutrina do cristianismo e a ensinava, sendo um iniciado nos mistérios egípcios, herméticos e gregos, nos quais os candidatos tinham somente um objetivo: alcançar a libertação da alma, do ver-

dadeiro homem.

A Gnosis é o conhecimento interior da fonte original no mais profundo do ser. Quem reconhece essa fonte obtém o autoconhecimento e descobre sua origem espiritual. Essa compreensão prepara-o para receber o sacramento da *redenção*: a libertação. Segundo Valentino, Cristo veio para fazer desaparecer a cisão entre o terrestre e o divino, traço característico da criação, e para que os dois se tornem um.

*Luz e trevas,
vida e morte,
direita e esquerda
são irmãos inseparáveis.
Eis por que nem os bons são bons,
nem os maus são maus,
nem a vida é vida,
nem a morte é morte.
Em conseqüência,
todos serão dissolvidos na natureza original.
Mas os que são superiores
são indissolúveis, eternos.*

(Logion 10 de O Evangelho de Filipe)

Semana dos
Jovens Alunos em
Marília, Brasil.

SIMPÓSIO DO DIA 22 DE
OUTUBRO EM RENOVA

Comenius foi o principal personagem que se esforçou para “melhorar em tudo a condição humana”. A seus olhos o objetivo da existência é pôr em ordem o “pequeno mundo” do homem, tendo em vista o retorno de Cristo. A fonte mais importante dessa reforma era, para ele, a *Pansophia*, ou seja, a sabedoria universal que tudo engloba e que restabelecerá o equilíbrio perdido entre a teologia e as novas ciências naturais. Ela deveria ter por desígnio “o ensinamento profundo de tudo” com o propósito de transmitir a todos a sabedoria, a virtude e a fé. Comenius pleiteava a existência de uma única religião universal, uma representação única do homem e do

mundo, uma ciência universal única e um sistema de idéias único para instituir uma fraternidade verdadeira entre os homens. Mas ao homem, enquanto indivíduo, ele dá igualmente sábios conselhos: “Três caminhos conduzem à vida justa. O primeiro é o caminho do nada fazer que seja injusto para si próprio, para outrem e para todas as coisas. O segundo é o de não tentar parecer justo e bom, mesmo que se seja justo e bom. No terceiro caminho é preciso voltar os olhos de preferência para Deus, o guardião da verdade, e para a própria consciência, que dá o testemunho interior”.

Pode-se ver aqui claramente quão concisa é a filosofia de Comenius. O caminho que leva à verdadeira felicidade é: ser uno consigo mesmo, com Deus e em Deus, e já não se deixar desviar pelas coisas exteriores; se algo parecer necessário, não fazer nada além do necessário. O homem, por natureza, esforça-se para se tornar semelhante a Deus. Cada ser humano tenta elevar-se a fim de se tornar perfeito. Comenius afirma: “O que Satã propõe falsamente ao homem, Cristo lhe dá realmente e lhe confere o poder de tornar-se filho de Deus”.

DIAS DE CONFERÊNCIA NO
CENTRO DE CONFERÊNCIAS J.VAN
RIJCKENBORGH, HAARLEM

As alocuções limitaram-se ao temas atuais que esclarecem os escritos dos fundadores do Lectorium Rosicrucianum, Catharose de Petri e Jan van Rijckenborgh. A Conferência do dia 18 de novembro teve como tema: *Evolução dos jovens e luz interior*. O ser humano não vem ao mundo como uma página em branco; ele é um conjunto complexo de forças e capacidades presentes, passadas e futuras, de

Painel do
Simpósio
“A palavra oculta”,
Renova,
Bilthoven,
Holanda.



vida natural e vida divina, de possibilidades e limites. Por trás da realidade do mundo, do cosmo e do macrocosmo, dos vegetais, animais e minerais, está oculto um plano que irradia uma possibilidade. Em sete fases esse plano atua igualmente sobre o ser humano, nele se delinea e se estrutura. Em cada uma dessas fases a personalidade é fortemente ligada a um único aspecto. Por exemplo, durante o terceiro período em que se desenvolve o importante corpo de desejos, é importante que o jovem tenha a chance de assimilar as boas forças construtivas e crescer sob a proteção de um meio positivo.

A segunda alocução referiu-se ao significado de uma palavra do Cântico dos Cânticos de Salomão: “Madruguemos pelas vinhas, vejamos se a

vinha floresceu”. Madrugar..., ou por outras palavras, começar jovem. Aqui as pessoas idosas podem representar um importante papel. O jovem, no começo da vida, deve voltar sua atenção e sua consciência para o que é mais importante: fazer florescer a vinha. Enquanto a nova força da alma circula no sistema da consciência, que a doutrina universal chama de “fogo serpentino”, o jovem faz crescer a força que lhe dará uma vida dinâmica e positiva.

A jornada terminou com uma visita ao templo principal de Haarllem, onde foi falado a respeito desse órgão regulador, pequeno porém decisivo, situado no cérebro: a glândula pineal. Graças a sua sutil sensibilidade ela é particularmente apropriada para receber as impressões espirituais que penetram o cosmo inteiro, o mundo e a humanidade com suas sublimes vibrações. O ser humano tem a capacidade de receber vibrações se sua cabeça e seu coração estiverem preparados para isso da maneira correta. Eis por que é essencial para o desenvolvimento dos jovens que eles se beneficiem de um bom meio, de uma força e do justo estímulo. Então eles podem chegar a um novo comportamento, e, pode-se dizer, causar uma total revolução em seu estado de ser.

CONFERÊNCIAS DE TRABALHO PARA OS JOVENS ALUNOS

Marília, no Brasil, e Caux, na Suíça, foram o palco, em julho e agosto, de uma semana de trabalho dinâmico do grupo de Jovens Alunos. Um mês foi mais ensolarado e quente que o outro, porém isso não afetou muito o ardor e a alegria do trabalho, conforme a foto o testemunha.





SIMPÓSIO EM GRONINGEN SOBRE A FLAUTA MÁGICA, DE MOZART

Groningen, na Alemanha, foi testemunha de um simpósio organizado pelo Lectorium Rosicrucianum no Prince Claus Conservatorium. Com grande interesse os participantes viram, no sábado 2 de dezembro, uma explicação sobre a ópera *A Flauta Mágica* (1791): “um processo alquímico no templo da iniciação”. Os sons de Mozart deram um brilho especial ao dia. O conteúdo da *Flauta Mágica* é baseado no pensamento dos rosacruzes e no ensinamento dos três princípios de Paracelso. A transformação espiritual do homem é magnífica e suavemente explicada pelo som e pela palavra.

Durante o simpósio, oradores da franco-maçonaria, da Antroposofia e do Lectorium Rosicrucianum esclareceram os aspectos herméticos dessa ópera com a ajuda da alquimia, vista pelos buscadores que viveram nos séculos XVII e XVIII como um processo interior dinâmico de transformação.

Tanto o libreto quanto a partitura contêm uma riqueza de elementos cuja fonte se encontra nos mistérios

de iniciação egípcios. Essa chave – referente a Hermes Trismegisto – pode ser encontrada em *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*.

BERGEN OP ZOOM

Em 19 de novembro foi consagrado um novo grande templo a sudoeste da Holanda, e à noite foi celebrado ali o primeiro serviço. Na abertura, o oficiante agradeceu muito, particularmente aos jovens dos grupos C e D, que foram os primeiros a vivificar essa nova construção antes mesmo dos trabalhos de demolição: “Talvez vocês não tenham manejado o martelo e o pincel, mas já há algum tempo vocês retrataram o pássaro de fogo, e esse quadro está agora pendurado na sala da Mocidade. Essa fênix é um poderoso símbolo para o nosso Núcleo. Ela simboliza que há uma contínua renovação, ela simboliza a indestrutibilidade da vida. Mediante as reuniões de vocês foi possível realizar o nascimento do ‘totalmente outro e novo’ no salão da Mocidade, e agora trata-se de dar continuidade a isso”. No final de seu preâmbulo ele repetiu as palavras impressas no convite:



*Não olhes à tua volta, mas em ti.
Ao mergulhar na fonte da vida,
deves triunfar e tornar-te um
homem
que Deus, a Gnosis, possa utilizar.*

Foi possível sentir que em Bergen op Zoom estava o fundamento mesmo da construção de nosso próprio templo interior, bem como de nosso trabalho exterior na oficina do templo.

INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE CONFERÊNCIAS A NOVA AURORA, CAMARÕES, ÁFRICA

Em Pentecostes de 2006, nos dias 2,3 e 4 de junho, festejou-se em Iaundê, capital de Camarões, a inauguração do Centro de Conferências A Nova Aurora, edificado pelos alunos do local, e também a consagração dos templos. O antigo Núcleo, que tinha o mesmo nome e foi usado durante anos, foi fechado, não sem que a família de Lucien Mamba recebesse agradecimentos por todo o trabalho que ali realizou.

Um representante das autoridades civis assegurou a abertura do novo Núcleo. Ele expressou sua grande apreciação por essa magnífica realização.

Havia muitos convidados, alunos de outros países da África onde o Lectorium Rosicrucianum estabeleceu-se: Benin, Congo, República Democrática do Congo, Costa do Marfim, Gabão, e alunos da Europa, Bélgica, Alemanha, França e Holanda. Também estavam presentes representantes da Escola Espiritual dos Estados Unidos e do Canadá.

Esse novo Centro de Conferências compreende um complexo templário com um grande templo para aproximadamente 400 pessoas, dois pequenos templos especiais e uma sala de silêncio e leitura. O prédio onde ficam alojados os alunos fica próximo e compreende um grande refeitório ao lado do qual estão as instalações e equipamentos necessários, e vários andares que servem de dormitórios.

Com esse novo Centro de Renovação sobre uma vertente do Mont Febe nos arredores de Iaundê, o Lectorium Rosicrucianum celebrou com alegria uma nova fase do trabalho, não apenas em Camarões, mas em toda a África.

DO CAMPO DE TRABALHO...

Centro de
Conferências
A Nova Aurora,
em Iaundê,
Camarões.



DO TESOURO DE HERMES (II)

A pupila do mundo

Devo também relatar o que Hermes disse quando ocultou os livros. Ele falou o seguinte:

*“Ó livros sagrados, obras de minhas mãos imperecíveis,
que ungi com o bálsamo da imortalidade,
permanecei intactos e imperecíveis em vossa integridade
durante toda a duração do mundo,
impossíveis de ser vistos e achados,
dissimulados para os que escavam o solo da terra,
enquanto o antigo céu não houver gerado seres dignos de vós,
aqueles que o Criador chamará ‘almas!’”*

Após dirigir-se desse modo aos livros e ter orado pelas obras de suas mãos, ele se retirou para um santuário no interior de seus próprios domínios.

Extraído de *A pupila do mundo* (Stobaeus, XXIII, 8), em *Hermes Trismegisto*, p.19.

A FORÇA DA GNOSIS HOJE

Extraído de uma alocução feita durante um simpósio em 2006 no Centro de Conferências Christianopolis, Birnbach, Alemanha.

A física quântica reconheceu que o espaço intercósmico está preenchido de possibilidades concebíveis e inconcebíveis, ou seja, de energias inesgotáveis, que se transformam em concentrações de forças e, com isso, em manifestações, à medida que dirigimos nossa consciência para essas possibilidades. A natureza dessas manifestações corresponde ao nosso estado de consciência. Nossa percepção, nossa realidade e nossa vida são moldadas por nosso estado de consciência.

Mas a quê poderia assemelhar-se uma ordem de vida completamente diferente? Quando tentamos discernir o que nos movimenta interiormente, então as noções habituais, as estruturas e limites do mundo material e perceptível que conhecemos se erguem diante de nós, criando obstáculos. Atualmente, noções como “Deus”, “Messias”, “Paraíso” transformaram-se e foram substituídas pelos “deuses do futebol”, pelas “artes messiânicas” e os “paraísos” representados pelas férias ou então pelo “paraíso das compras”.

Outro ponto de vista concernente à solução dos problemas que se impõem à humanidade é o da “New Age”, a Nova Era. Aqui, toda esperança reside na entrada em uma nova dimensão, não no plano da pesquisa

científica, porém numa expansão da consciência individual, numa plenitude de vida e de percepção, dinamizadas pelas forças dos novos tempos, pela era de Aquário que ora se inicia.

Na comédia musical “Hair”, típica da época, cantava-se:

*Mystic crystal revelation
and the mind's true liberation,
Aquarius, Aquarius.*

Tradução:

*Mística e cristalina revelação,
verdadeira libertação do espírito,
Aquário, Aquário.*

O começo da era de Aquário é um tempo de grande atividade e criatividade com base em idéias. Tudo parece possível. Uma multiplicidade de idéias quer desenvolver-se, anulando todos os antigos valores e normas. Em consequência, a orientação no exterior também se torna cada vez mais difícil. Trata-se de um período em que muitos véus são progressivamente retirados de diante da nossa consciência. Tudo o que até então estava oculto vem à tona, seja através dos noticiários na mídia ou pela desintegração de normas e valores cristalizados. Ninguém mais confia nas autoridades políticas, econômicas, artísticas, científicas e religiosas, que, não obstante, se esforçam incansavelmente por “esclarecer-nos”, com o objetivo de indicarnos o caminho a ser seguido, o seu caminho, com a finalidade de encontrar a solução. Cada um deve se manifestar, ser medido e mostrar o que é,

tanto na vida privada como na pública. O homem de hoje quer saber! Ele já não se deixa embalar por qualquer história, ele quer explicações e provas, compreender antes de agir.

Nos próximos séculos, o refinamento dos pensamentos, sentimentos e ações aumentará fortemente, assim dizem os astrólogos, bem como o poder de percepção supra-sensorial do mundo invisível, pois o campo de vida se tornará cada vez mais sutil.

Vivenciamos uma aparente supressão do espaço e do tempo no mundo virtual inaugurada pela Internet. O telefone celular através do qual podemos receber imagens e estar em comunicação direta com não importa o quê, nem a que hora nem em que lugar, dá-nos um sentimento de onipresença. Se por um lado a força de atração do novo diminui, por outro lado sentimo-nos rapidamente submergidos pela maré de informações, como num verdadeiro dilúvio, pelas distrações culturais e os divertimentos variados que nos são apresentados hora após hora, dia após dia, a cada 24 horas.

Esta atmosfera nova que experimentamos como algo sutil, transparente, encontra seu reflexo no vidro empregado nas construções arquitetônicas. Nos dias atuais deseja-se ver a técnica e os mecanismos que estão por trás! As ligações cada vez mais numerosas entre computadores incitam por fim a achar normal que se possa falar de “homens de vidro”.

Na agitação da era de Aquário, contudo, o homem não encontra tranqüilidade nem contentamento. Ele percebe que é necessária uma total reorientação. Porém, levando-se em conta que as condições atuais mudam incessantemente e estão destinadas ao declínio, isso pode parecer um tanto difícil. Em *A realidade material*, J.

Kössner escreve: “Uma das maiores ilusões da consciência social de hoje é querer alcançar uma convivência humanitária por meio de regulamentações reforçadas. Essa é uma via absolutamente sem saída. A problemática atual é que a consciência humana se encontra numa situação extrema e os seres humanos baniram toda a orientação interior de suas próprias vidas. Por isso surgem cada vez mais regulamentações e limitações sociais impostas por regras e prescrições. O progressivo esquecimento da origem divina e a negação do mundo interior aceleram o processo de regulamentação no plano exterior”¹.

Aos poucos, muitas pessoas são incomodadas por essas mudanças ultrarápidas. A realidade de sua vida parece-lhes ilusória, e elas são tomadas por uma crise de identidade. Então, saem em busca de seu verdadeiro ser. Autonomia, auto-autoridade e desenvolvimento pessoais são, atualmente, *slogans* característicos. Disso testemunham numerosos grupos que se consagram a pesquisas que, de modo geral, divergem entre si.

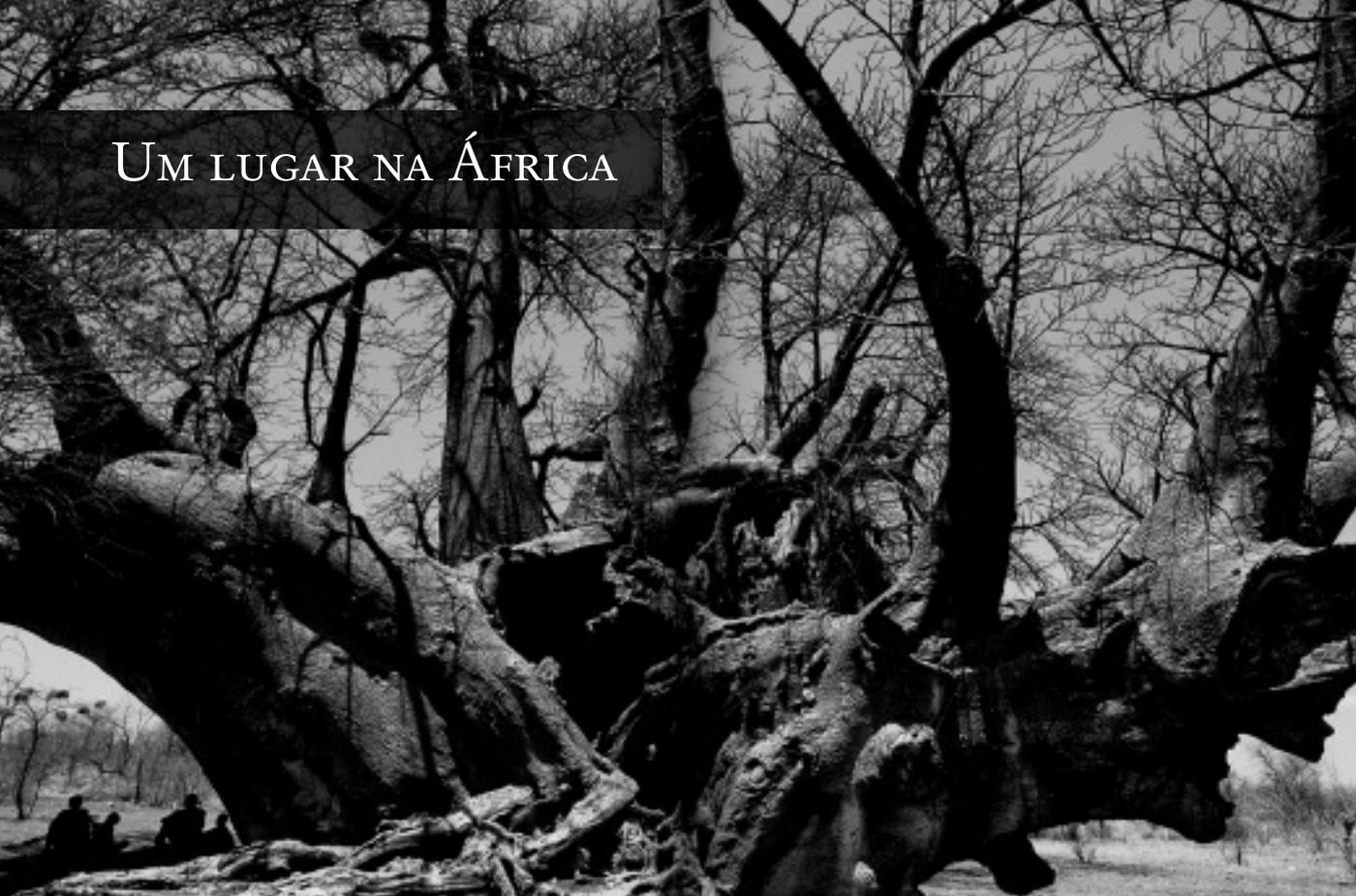
Já no início do século XIX o médico Johann Carl Passavant declarou, a respeito do caminho de libertação:

“A ordem divina é mais poderosa que o erro humano. O que emana da unidade voltará à unidade após ter atravessado as fases evolutivas e vencido os erros. Essa, porém, será uma unidade superior que conservará o conjunto dos resultados do processo evolutivo e de regeneração da humanidade”².

FONTES:

- 1 Kössner, J. *Die materielle Realität – des Menschen Fall und seine Heilwerdung*.
- 2 Passavant, J.C. *Von der Freiheit des Willens und dem Entwicklungsgesetze des Menschen*. Frankfurt, 1835, tomo III.

UM LUGAR NA ÁFRICA



O jovem surpreende o desconhecido sentando-se a seus pés e colocando em sua mão uma figura esculpida em madeira. “Sim, vou contar-lhe”, murmurou, “vou contar tudo”. E colocou um dedo sobre a grotesca figura, foi correndo seu dedo até o alto do bastão com fervor e pôs-se a falar de montanhas e personagens fantásticos, até o momento em que veio um pássaro e uma de suas plumas caiu sobre ele. No final, ele começou a gaguejar, a balbuciar como se a única coisa importante fosse a história que tinha para contar.

O estranho olhou mais o rosto do jovem que a escultura em madeira e disse amavelmente: “Acho que só compreendo uma parte do que você diz, acho que é bem nesse ponto que você gostaria de chegar”. Ele sorriu e começou:

A HISTÓRIA

Em um certo vale vivia um caçador (ele apontou para a grotesca figura de madeira). Todos os dias ele percorria a floresta para caçar passarinhos. Uma bela manhã, chegou à beira de um grande lago. Enquanto observava a chegada dos pássaros nos caniçais, uma sombra imensa caiu sobre ele e ele viu seu reflexo. Levantou os olhos, mas tudo já havia desaparecido. Sen-

tiu, então, um intenso desejo de ver esse reflexo mais uma vez e esperou por ele o dia inteiro. Mas, quando veio a noite, ainda não tinha visto nada. Sombrio e pensativo, voltou para casa com a bolsa vazia. Seus amigos perguntaram-lhe qual era a razão de seu silêncio obstinado, mas ele se isolou para refletir. Somente ao seu melhor amigo é que pôde dizer, finalmente: “Hoje, percebi uma coisa única, uma coisa que jamais tinha visto. Um gran-

de pássaro branco planava no infinito azul, com suas asas prateadas bem abertas. Desde então, parece que um grande fogo está consumindo minha alma. Era apenas um raiozinho, uma cintilação, um reflexo na água; mas, agora, não quero saber de mais nada a não ser reencontrar esse pássaro para segurá-lo.” Seu amigo pôs-se a rir: “Mas era apenas um raio de sol que brincava na água, ou então a sombra da sua própria cabeça! Amanhã você vai ter se esquecido de tudo isso!” Mas, no dia seguinte, e dia após dia, o caçador estava cada vez mais obcecado e saía procurando pelos campos e bosques, à beira do lago e nos caniçais. Tudo em vão. E ele nem observava mais os pássaros. Que valor eles poderiam ter para ele, agora?

“Mas o que é que você tem, afinal?”, perguntavam seus amigos. “Ele ficou louco!”, afirmavam alguns. “Não, pior,” respondiam outros, “ele viu uma coisa que nenhum de nós jamais viu e acha que foi um milagre!” Todos decidiram deixá-lo de lado, e o caçador acabou sozinho.

Uma noite, quando, muito aflito, vagava na penumbra, um velho homem alto e forte como jamais vira surgiu diante dele.

“Quem é você?”, perguntou-lhe o caçador. “Sabedoria”, respondeu ele, “mas alguns me chamam de Conhecimento. Vivi toda a minha vida nesta região, mas as pessoas só me vêm quando já sofreram muito, quando os olhos já foram lavados com muitas lágrimas. Eu só falo com quem está sentindo muita dor.” O caçador gritou: “Se você já viveu por aqui tanto tempo, então me diga o que sabe sobre esse grande pássaro branco que vi planar no céu azul. As pessoas querem me fazer acreditar que ele faz parte da minha imaginação, que vi apenas a sombra da minha cabeça!” O velho sorriu: “O nome desse pássaro é Verdade. Quem o viu nunca mais tem descanso. Vai desejar vê-lo até morrer”. O caçador exclamou:



“Onde posso encontrá-lo?” Mas o velho respondeu: “Você ainda não sofreu o suficiente!” E foi-se embora.

Então o caçador tirou de seu peito a lançadeira da imaginação, onde enrolou o fio de seus desejos, e passou a noite a tecer uma rede. Na manhã seguinte, estendeu a rede de ouro no chão e atirou nela uns poucos grãos de credulidade que seu pai lhe havia dado e ele guardara no bolso, sobre o peito.

Eles eram semelhantes a pequenas esferas brancas aveludadas, como as que se erguem da poeira parda quando se caminha sobre ela. O caçador sentou-se e esperou para ver o que ia acontecer.

O primeiro pássaro que caiu na rede era branco como a neve, com olhos de pomba. Seu canto era magnífico: “Um homem-deus! Um homem-deus! Um homem-deus!”, ele cantava. O segundo que veio era negro e misterioso, com belos olhos escuros capazes de sondar as

profundezas da alma, e emitia apenas uma palavra ao cantar: “Imortalidade!”

O caçador tomou-os em seus braços dizendo: “Certamente eles pertencem à bela família da Verdade”. Então apareceu ainda outro pássaro, verde e dourado, que cantava com voz aguda como a de um comerciante no mercado: “Recompensa após a morte! Recompensa após a morte!” E o caçador disse: “Não és tão belo, mas tens a essência mesma da beleza!” E pegou-o também.

Vieram também outros de cores brilhantes, e todos cantaram alegremente até o momento em que já não havia mais grãos. O caçador ajuntou-os, construiu uma gaiola de ferro a que deu o nome de “Nova Crença” e nela encerrou os pássaros.

Nisso, chegou todo o tipo de gente cantando e dançando.

“Ó caçador felizardo!”, clamavam, “Ó homem extraordinário! Ó passaros esplêndidos! Como eles cantam bem!”

Ninguém nunca lhe perguntou de onde vinham os pássaros nem como tinham sido apanhados; todos, porém, dançavam e cantavam diante deles.

E o caçador também se alegrava, dizendo: “Certamente a Verdade está entre eles. Com o tempo ela irá moldar suas plumas, e eu verei sua forma branca como a neve!”

O tempo passava, e os homens cantavam e dançavam. Porém o coração do caçador entristeceu-se, e ele, como antes, pôs-se a vagar sozinho, para chorar. O desejo indizível havia despertado novamente em seu peito. Um dia, estando sentado e chorando, como que por acaso Sabedoria encontrou-o, e ele contou-lhe o que tinha feito. E Sabedoria sorriu tristemente. “Inúmeros são os que lançaram essa rede para capturar a Verdade sem jamais o conseguir! Dos grãos da simples credulidade ela não se alimentará; seus pés não se deixam prender nos fios do desejo; do ar desses vales ela não respira-

rá. Os pássaros que apanhastes não passam de mentiras. Eles são belos e adoráveis, porém ainda assim são mentiras; a Verdade não os conhece”.

O caçador bradou amargamente: “Devo então permanecer tranqüilo à espera, consumido por este fogo devorador, por este grande desejo?” O ancião respondeu: “Escuta: já que estás tão aflito e sofres tanto, vou dizer-te o que sei. Quem chegou onde chegaste para encontrar a Verdade deve deixar para sempre os vales da credulidade e das superstições sem nada levar. Deve dirigir-se sozinho para a terra da abnegação e da privação e ali instalar-se; não deve sucumbir a nenhuma tentação. Quando a luz irromper, deverá levantar-se e segui-la até o país onde o sol brilha para sempre. Deverá escalar as montanhas da realidade inelutável. É necessário que ele as suba, pois é atrás delas que se encontra a Verdade”.

“E ele a abraçará fortemente e a segurará em suas mãos!”, jubilou o caçador.

Sabedoria meneou a cabeça: “Ele nunca a verá e nunca a reterá. Ele ainda não chegou tão longe assim”. O caçador exclamou: “Então não há qualquer esperança?” E Sabedoria respondeu: “Sim. Algumas pessoas subiram essas montanhas. Elas venceram uma a uma essas rochas áridas e, vagueando nas alturas, algumas delas conseguiram encontrar e recolher uma pluma branca, prateada, caída da asa da Verdade”. E o ancião, levantando-se profeticamente e apontando o dedo para o céu continuou: “E sucederá que esses homens ajuntarão muitas plumas prateadas e farão uma corda e com ela tecerão uma rede a fim de capturar nela a Verdade. *Apenas a Verdade pode conter a Verdade*”.

O caçador levantou-se e disse: “Eu partirei”. Porém a Sabedoria o deteve: “Eu o advirto, qualquer um que sai desses vales jamais retorna. Mesmo que chore lágrimas de sangue por sete dias e sete noites

nos confins dessas regiões, qualquer volta está excluída. Quem passa para lá não pode regressar. Não existe nenhuma recompensa nesse caminho que tens de seguir por tua própria vontade, impelido pelo imenso amor. Teu esforço é tua única recompensa”.

“Eu parto”, disse o caçador, “mas, diz-me, quando chegar a essas montanhas, que caminho devo tomar?” “Eu sou o filho de milhares de experiências e do conhecimento secular, disse o homem. Não posso ir senão ali onde muitos outros chegaram antes de mim. Essas montanhas apenas são acessíveis para poucos pés, e cada um deve encontrar seu próprio caminho e segui-lo por sua própria conta; ele já não ouve minha voz. Talvez eu o acompanhe, porém não posso precedê-lo”. Então Sabedoria desapareceu.

O caçador fez meia-volta, dirigiu-se até a gaiola e quebrou as barras de ferro com suas próprias mãos, o que lhe causou um ferimento profundo. Às vezes é muito mais fácil construir que destruir. Um a um ele pegou os pássaros e os libertou. Mas quando chegou a vez do pássaro de plumagem escura, ele o segurou e olhou para seus lindos olhos. O pássaro soltou um grito grave e penetrante: “Imortalidade!” A isso, o caçador disse: “Não consigo separar-me dele. Não pesa nada e não necessita alimento. Vou escondê-lo no meu peito e o levarei comigo”. E escondeu-o sob o seu manto. Contudo, o pássaro tornava-se cada vez mais pesado, chegando a pesar como chumbo em seu peito. Logo, já não conseguindo avançar nem sair do vale, ele pegou o pássaro e exclamou, contemplando-o: “Ó meu belo pássaro, bem-amado do meu coração, não posso ficar contigo!” E tristemente abriu as mãos. “Vai”, disse ele, “talvez na canção da Verdade uma nota soe como a tua; *eu*, porém, já não a ouvirei”. Cheio de tristeza abriu sua mão, e o pássaro partiu para sempre.

No mesmo instante ele agarrou o fio dos desejos da lançadeira da imaginação, atirou-o ao chão e colocou a lançadeira vazia de volta em seu peito, pois o fio havia sido feito naqueles vales, mas a lançadeira viera de um país desconhecido. Ele se voltava para sair quando o povo o cercou, gritando: “Idiota, canalha, tolo! Como ousaste quebrar tua gaiola e deixar os pássaros partir?” O caçador respondeu, porém eles não o queriam ouvir. “Verdade! Quem é ela? Pode-se comê-la ou bebê-la? Quem alguma vez já a viu? Teus pássaros eram reais; todos podiam ouvi-los cantar! Ó tolo, vil réptil! Ateu!”, gritavam, “Tu poluis o ar”. E alguns gritavam: “Venham, tomemos pedras e apredejemo-lo”. E outros diziam: “O que temos a ver com isso? Que esse idiota chispe daqui!”, e foram embora, enquanto os demais ajuntavam lama e pedras e as atiravam nele. Por fim, cheio de arranhões, de chagas e de galos, o caçador escapou na escuridão do bosque. Ele andou e andou, e as sombras tornavam-se mais e mais espessas. Ele se encontrava agora nos limites do país onde sempre era noite. Ele atravessara a fronteira, e já não havia luz. Começou, então, a andar às apalpadelas. Mas cada galho que tocava se partia, e o chão estava coberto de cinzas. A cada passo seus pés afundavam, e uma nuvem fina, imponderável, de cinzas subia até o seu rosto; e já se fazia noite. Então ele se sentou sobre uma pedra e, enfiando o rosto nas mãos, pôs-se a esperar pela luz naquele país da abnegação e das privações. Também em seu coração se fazia noite.

Então, elevou-se do pântano, à direita e à esquerda, um nevoeiro glacial que o cobriu. Uma chuva fina imperceptível caía na escuridão e formava grandes gotas em seus cabelos e em suas vestes. As batidas de seu coração diminuíram, e seus membros enrijeceram-se. Subitamente ele viu, vindo em sua direção, dois



fogos-fátuos que dançavam alegremente. Ergueu a cabeça para vê-los melhor. Aproximando-se mais e mais, eles vinham bailando tão brilhantes, tão cheios de vivacidade, semelhantes a estrelas de fogo. Por fim, pararam diante dele. Um rosto feminino sorridente, com covinhas e cabelos dourados ondulados, surgiu no centro da chama brilhante. No centro da outra chama ele avistou pérolas, à semelhança de pequenas bolhas sorridentes numa garrafa de vinho espumante. Sem parar, elas dançavam e saltavam diante dele. “Mas, quem sois”, perguntou o caçador, “que vindes até mim em minha triste solidão?” Elas lhe responderam: “Somos as pequenas irmãs gêmeas, a sensualidade. Nosso pai é a natureza humana, nossa mãe, sua proliferação. Somos tão velhas quanto as montanhas e os rios, tão velhas quanto o primeiro homem. Nunca morremos”, acrescentaram rindo. “Ó, deixa-me abraçar-te”, disse a primeira,

“meus braços são doces e cálidos, teu coração está gelado, mas eu o degelarei. Vem, pois, a mim!” A segunda falou por sua vez: “Farei penetrar em ti meu hálito quente. Teu cérebro está entorpecido, e teus membros estão agora enrijecidos, porém eles se tornarão fortes e ativos. Vem, recebe o meu alento”. “Segue-nos e vive conosco”, disseram as duas. “Almas mais nobres que a tua se sentaram aqui nestas trevas à espera, e elas vieram até nós, e nós, a elas, e elas nunca mais nos deixaram, nunca. Tudo o mais é engano; nós, porém, somos reais. A Verdade é uma sombra. O vale da superstição é uma farsa. A terra é cinzas, as árvores estão todas aprodrecidas, mas nós – vem, toca-nos – nós estamos vivas! Não podes ter dúvidas quanto a nós. Toca-nos, sente o quanto somos quentes! Ó vem, vem conosco!” Cada vez mais perto elas giravam em torno de sua cabeça, e o suor frio, que lhe escorria da testa como gotas brilhantes, cegava-o. Seu sangue enregelado recomeçou a circular. E ele disse: “Sim; por que morrer aqui nesta terrível escuridão? Elas me aqueceram e fizeram circular meu sangue coagulado”, e estendeu as mãos para elas. Subitamente apareceu diante de seus olhos a imagem que ele tanto amara, e seus braços caíram de lado. “Vem conosco”, clamaram as gêmeas. Porém ele cobriu o rosto. “Ofuscais meus olhos”, disse ele. “Vós aqueceis meu coração, mas não podeis dar-me o que eu desejo. Vou ficar aqui esperando, até minha morte. Ide embora!” E cobriu o rosto com as mãos e já não lhes dava ouvidos.

Ao olhar novamente, as duas estrelas brilhantes haviam desaparecido ao longe.

E a noite longa, muito longa, continuou. Todos os que abandonam o vale da credulidade e das superstições devem fazê-lo através das trevas. Há os que o conseguem em alguns dias, outros levam meses, outros levam anos, e alguns morrem ali.

Por fim o caçador percebeu uma vaga luz no horizonte e pôs-se a caminho. Ele a alcançou e continuou a caminhar em plena luz do sol. Então surgiu diante dele a grande montanha dos fatos e das realidades estéreis. Límpida, a luz do sol brincava sobre os declives, enquanto os cimos escondiam-se nas nuvens. Do sopé se elevavam numerosos caminhos. O caçador lançou um grito de júbilo, escolheu o caminho mais direto e pôs-se a subir. As rochas e gretas reverberavam seu canto. Sabedoria havia exagerado um pouco: afinal de contas, a montanha não era assim tão alta, e a estrada não era tão íngreme. Apenas alguns dias, algumas semanas, quando muito alguns meses, e então o cimo! Nem uma única pluma ele levaria; ele ajuntaria todas as plumas que outros homens haviam encontrado, teceria sua rede, capturaria a Verdade, tocá-la-ia com as mãos, segurá-la-ia firmemente e estreitá-la-ia em seus braços!

Ele sorria alegremente à luz do sol e cantava em alta voz. A vitória já não poderia lhe escapar. Contudo, após ter caminhado por certo tempo, o caminho tornou-se mais íngreme. Ele começou a resfolegar durante a subida e já não cantava como antes. À direita e à esquerda do caminho elevavam-se rochas enormes despidas de líquen ou musgo. No chão de lavas abriam-se brechas profundas, e aqui e ali ele tinha a impressão de avistar ossadas brancas. Agora também o caminho começava a ficar menos visível, tornando-se, por fim, em mera trilha, com algumas pegadas, que por fim também desapareceram.

O caçador já não cantava e tentava subir com muito esforço quando chegou a uma parede rochosa, alta e lisa que se estendia até onde os olhos podiam alcançar. “Vou construir uma escada nessa parede, e ao chegar lá em cima estarei bem próximo da meta”, disse corajosamente, e pôs-se a trabalhar.

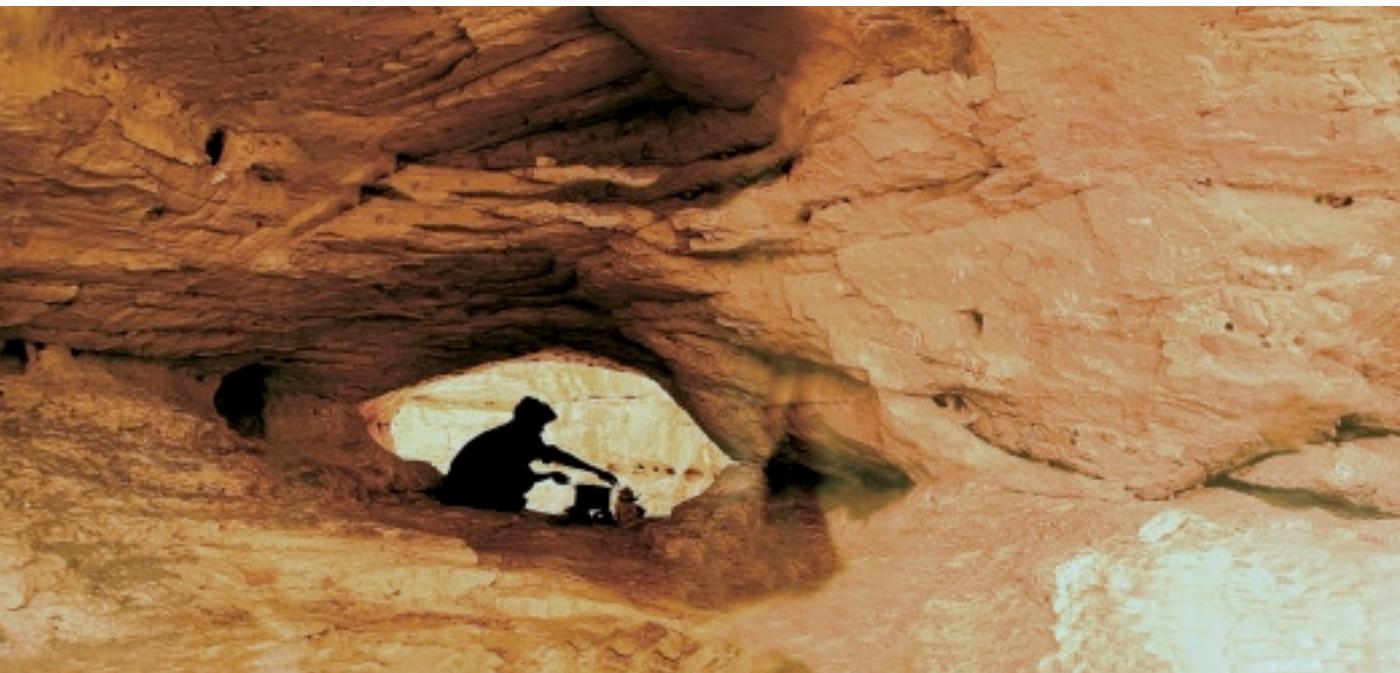
Com a lançadeira da imaginação, começou a escavar pedras, mas a metade delas não serviu. O trabalho de meio mês foi perdido porque as primeiras pedras tinham sido mal escolhidas. Porém, o caçador trabalhava sem descanso, sempre dizendo a si mesmo: “Uma vez lá em cima, estarei quase lá, e essa grande obra estará terminada”.

Finalmente, ao chegar ao cimo, olhou à sua volta. Lá longe flutuava uma bruma pálida sobre o vale da credulidade supersticiosa, enquanto acima se alçavam as montanhas gigantescas. Antes elas lhes tinham parecido tão baixas, porém vistas mais de perto eram de uma altura inimaginável.

De alto a baixo elas estavam cercadas de rochas semelhantes a muros de terraços que se erguiam fileira após fileira em grandes círculos. Acima delas brincava a eterna luz solar. Ele emitiu um grito selvagem e inclinou-se para o chão. Ao levantar-se seu rosto estava lívido. Contudo, em total silêncio, ele avançou outra vez esforçando-se para ficar o menos tenso possível. Para os que nasceram no vale, a respiração aqui se torna difícil, o ar é muito rarefeito.

Por conseguinte, ele respirava com dificuldade, e cada respiração doía em seu peito; seu sangue se retirara das pontas dos dedos. Chegando à parede rochosa, ele reiniciou sua tarefa, que parecia não ter fim. E permanecia silencioso. Noite e dia ressoava o som das ferramentas nas rochas impiedosas. Durante anos ele prosseguiu como um verdadeiro burro de carga, porém a parede rochosa sempre se elevava acima dele em direção ao céu. Às vezes ele rezava, pedindo que pelo menos algum líquen ou musgo brotasse nessa parede nua para fazer-lhe companhia, mas isso nunca aconteceu.

E os anos passaram; ele os contava pelos degraus que havia talhado – uns poucos a cada ano – apenas uns poucos. Ele



não cantava mais nem dizia: “Farei isso ou aquilo”. Ele apenas trabalhava. E à noite, quando o sol se recolhia, rostos selvagens e sinistros saídos dos buracos e fendas das rochas vinham espíá-lo. “Abandona o teu trabalho, homem solitário, e vem falar conosco”, diziam eles.

“Minha salvação está no trabalho. Se eu o parasse mesmo que por um instante, vós vos lançaríeis sobre mim”, respondeu ele.

E eles esticaram ainda mais seus compridos pescoços. “Olha para as fendas a teus pés” diziam. “Vês o que elas contêm? Ossos branqueados! Todos os fortes e corajosos como tu subiram pelo mesmo caminho. Eles olharam para o alto e compreenderam que seria insensato querer continuar, pois jamais apreenderiam a Verdade e jamais a veriam. Por conseguinte, eles se deitaram, pois estavam extenuados, e adormeceram para sempre. O sono é o repouso. Quando dormes, já não existes, já não estás sozinho nem fazes mal às tuas mãos ou ao teu coração”.

O caçador deu um riso sarcástico:

“Acreditais, harpias, que abandonarei tudo o que é caro ao meu coração, que vagueei sozinho pelo país das trevas e resisti às tentações, que me aventurei onde a voz de nenhum da minha espécie jamais foi ouvida, que trabalhei sozinho para agora repousar e esperar ser reconfortado por vós?” Ele soltou uma gargalhada, e as harpias, os ecos do desespero, fugiram, pois o riso de um coração forte e corajoso sempre representa para elas um golpe fatal. Contudo, elas apareceram novamente e olharam-no mais uma vez. “Sabes que teu cabelo encaneceu, que tuas mãos começam a tremer como as de uma criança? Notaste que a ponta da lançadeira desapareceu e agora ela está rachada? Caso consigas subir essa escada, esta será a última vez que o farás. Jamais subirás outra”, disseram elas. Ele respondeu: “Como se eu já não soubesse!”, e recomeçou o seu trabalho.

As velhas mãos ressequidas talhavam as pedras de maneira desajeitada e desuniforme, pois os dedos estavam rijos e deformados. O homem havia perdido sua força e beleza.

Finalmente, um rosto envelhecido e enrugado olhou acima das rochas e viu as montanhas eternas que se elevavam até as nuvens brancas; mas o trabalho estava terminado. O velho caçador juntou as mãos cansadas e deitou-se ao lado do precipício onde havia trabalhado durante tanto tempo. Ele podia dormir, por fim.

Abaixo dele, no vale, planava uma névoa branca densa. Os carneiros formados pela bruma dispersaram-se, e os olhos moribundos puderam ver as árvores e os campos de sua infância. De longe parecia chegar-lhe o chamado de seus pássaros selvagens, e ele podia ouvir pessoas cantando enquanto dançavam. Chegou mesmo a achar que ouvia a voz dos velhos amigos. Ainda mais distante, pôde ver brilhar o sol sobre sua antiga morada. E copiosas lágrimas inundaram os olhos do caçador.

“Ah! Quem lá morre não morre sozinho”, exclamou ele.

Os carneiros formados pelas brumas aproximaram-se, e ele desviou o olhar. “Eu busquei,” disse ele, “trabalhei por longos anos, mas não a encontrei. Não descansei, não me queixei, e mesmo assim eu não a vi! Agora minhas forças chegam ao fim. Aqui, neste lugar onde agora me deito, outros virão, jovens, e fortes. Eles subirão pelos degraus que esculpi; eles poderão ascender graças à escada que construí. Eles jamais saberão o nome do homem que a construiu. Eles rirão do trabalho desajeitado; quando as pedras oscilarem, amaldiçoar-me-ão. Mas eles ascenderão por meio da *minha* obra; eles subirão por meio da *minha* escada! Eles a encontrarão através de mim, pois ninguém vive para si mesmo e ninguém morre para si mesmo.”

Lágrimas rolavam de suas pálpebras enrugadas. Se a Verdade aparecesse agora nas nuvens acima dele, ele não a veria; o véu da morte cobria agora os seus olhos.

“Minha alma ouve a alegre caminhada

deles; e eles sobem, sempre mais alto!” disse ele levando a mão ressequida aos olhos. Então, lentamente, algo branco veio descendo, descendo do céu através do ar tranqüilo, e caiu suavemente sobre o peito do moribundo. Ele tateou: era uma pequena pluma. Ele morreu segurando-a em sua mão.

O jovem havia coberto os olhos com uma das mãos e copiosas lágrimas corriam por sobre a figura em madeira. “Como você sabe tudo isso?” – cochiçou ele. “Essa madeira não contém tantas palavras!”

O estrangeiro respondeu: “Certamente, a estória toda não foi contada, mas somente uma parte dela. A particularidade de toda verdadeira arte, tanto da mais primitiva como da mais elevada, é dizer mais do que o que é dito e conduzir-nos para bem longe. Nada é mais fácil de compreender que a Verdade. Posso interpretá-la de mil maneiras, e a cada instante ela descortina novas perspectivas”. Ele girava e tornava a girar o objeto de madeira em suas mãos.

“São os olhos brilhantes de tua alma que enxergam através do invólucro material grosseiro. Todos os fatos verdadeiros naturais e espirituais encontram-se em relações mútuas. Nessa modesta escultura em madeira podes ler inúmeros fatos tanto espirituais como os que aconteceram na realidade.”

“Durante toda a minha vida desejei encontrar-te”, disse o jovem.

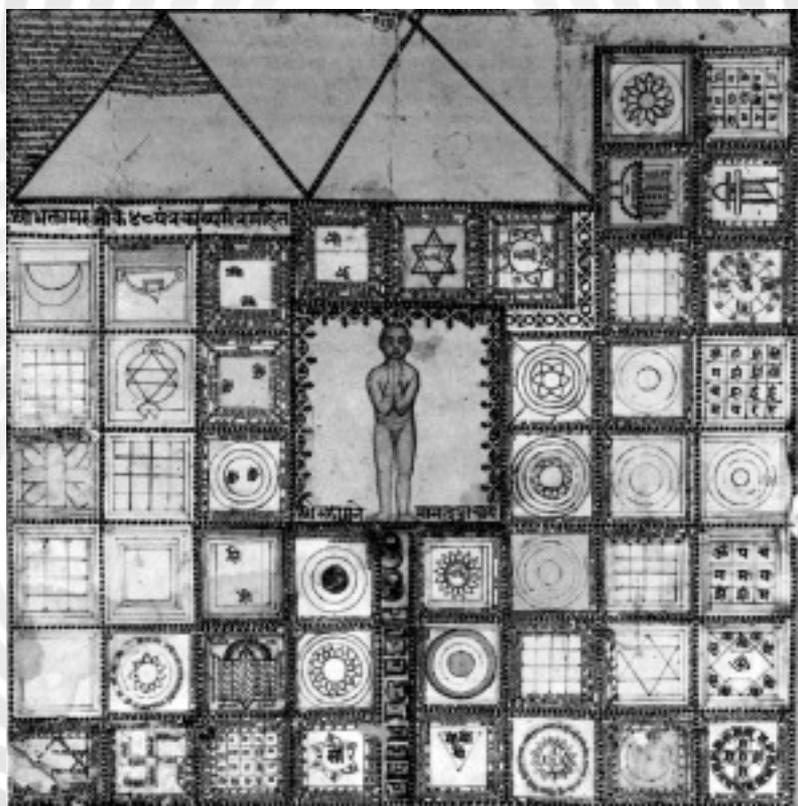
Extraído de *The Story of an African Farm*, Olive Schreiner (1855-1920). Amsterdã: Uitgeverij Podium, 2006. Essa obra é considerada o ponto alto da literatura sul-africana, da qual a autora é um dos fundadores.

A REVELAÇÃO DA MISTERIOSA SABEDORIA

Não deve ter escapado a ninguém que o mercado de livros há algum tempo vem sendo invadido pelo que se poderia chamar de thrillers (romance de aventura) religiosos. Há certo fascínio por conhecimentos ocultos, mensagens secretas, grupos e forças ocultas. Além de encontrar-se nesse gênero de livros a solução para muitos crimes horrendos, neles também existem invariavelmente códigos enigmáticos e sociedades secretas em jogo. Símbolos impenetráveis de um passado longínquo dão indicações corretas, e por fim comunidades misteriosas revelam seus últimos segredos. Além do mais, deparamo-nos com vestígios de manuscritos esquecidos e relíquias desaparecidas, tais como a Arca e o Graal.

O desvelamento das sabedorias ocultas, a investigação de criminosos e de seus motivos passa para segundo plano na busca por um longínquo passado histórico. À medida que o leitor avança em sua pesquisa, tem a impressão de ser iniciado nos aspectos espirituais que se encontram por detrás da existência e das religiões estabelecidas.

Descobrimos que, no decorrer dos séculos, perdeu-se o saber original. A história foi conscientemente deformada: as autoridades espirituais e políticas vêm há milênios ocultando fatos importantes. Com efeito, de fato são os vencedores que escrevem a história, e não os perdedores. Com isso todos concordamos. No cristianismo, os



vencidos eram os pretensos heréticos, isto é, os gnósticos, os maniqueus, os bogomilos, os cátaros e tantos outros. E hoje, embora nossa visão da história encontre-se totalmente deformada, os aspectos da verdade são progressivamente trazidos à luz. Assim, no decorrer de nossas leituras, a verdade oculta pode ser-nos transmitida, e o enredo de um *thriller* revelar-nos o objetivo de nossa própria busca interior.

Já há tempos essa expectativa havia sido despertada por muitas obras esotéricas populares. No gênero *thriller*, o desejo de sabedoria original e a revelação dos últimos mistérios é introduzido muito habilmente. Nesses *thrillers* é sempre mantida a ilusão de que podemos encontrar concretamente a verdade e fazer que ela se manifeste pura e simplesmente, por exemplo, como resultado de uma pesquisa científica ou de uma investigação jornalística. Mas o verdadeiro mistério interior não poderia também deixar de escapar a todas as pesquisas feitas no mundo exterior. Visto que nesse caminho somente se encontra o envoltório das formas cristalizadas que encobrem a verdade, ou seja, as formas densas, jamais será possível encontrar nele a verdade vivente, pois, embora ela venha a este mundo, ela não é deste mundo, e por isso não pode ser encontrada aqui.

Em *A Gnosis chinesa*,¹ J. van Rijckenborgh apresenta uma questão pertinente: “Acaso não é ilusório vos afagar sob um reflexo caricatural da luz? Acaso não é necessário retornar ao Tao enquanto ainda é possível?” A confusão é que, naturalmente, em todas essas descobertas e revelações algo da verdade mesma, da Luz única, é refletido.

Está claro que nesses *thrillers* modernos, como em todos os mitos e lendas antigas, se ocultam muitos reflexos da verdadeira busca espiritual, porém de modo inconsciente, sob forma alegórica, sem que o autor conheça toda a sua extensão nem que ele próprio viva

essa busca conscientemente.

Diferente de um livro cativante que trata de um crime fictício e outros envoltimentos, deu-se, no início dos tempos, no plano espiritual, um incidente que envolveu toda a humanidade. Esse incidente deve ser anulado porque o homem, ao tornar-se consciente, elimina as causas do tempo, do sofrimento e também da obrigação de “ganhar o pão com o suor do seu rosto”. Esse incidente sobre o qual não podemos falar senão de maneira aproximativa é qualificado de “queda”. O homem original, nascido da unidade original divina, em sua temeridade evocou, um dia, forças adversas que o desviaram de sua verdadeira evolução.

Ora, no caminho do restabelecimento da glória do homem divino e do ingresso final no mistério divino, o homem deve afastar corajosamente inúmeros obstáculos. Sua vida será julgada de acordo com seu engajamento pessoal, sua inteligência crescente e seu profundo anseio pela Verdade. Tudo se desenvolve diante de um cenário: a dura realidade da vida, onde os acontecimentos externos apresentam um símbolo do que se desenvolve no plano interior. Como num *thriller*, os mosaicos giram na cabeça da pessoa que segue esse caminho, enquanto as numerosas peças do quebra-cabeça se dispõem progressivamente uma ao lado da outra para revelar a verdade. Desse modo, a busca interior tem um final feliz, um “bom fim”, segundo a expressão cátera. No meio da grande confusão o buscador consegue, por fim, encontrar muitos pontos de referência.

Muitos desses livros referem-se incidentalmente a fatos históricos, mais concretamente a um tesouro escondido, aos templários, a Salomão, ou então aos cátaros etc. Neles se busca um tesouro que pode ser encontrado em lugares lendários como Glastonbury, Rosslyn, Rennes le Château. Às vezes o tesouro é material, e tem-se em vista

o túmulo de Jesus, ou então sai-se em busca de seus ossos. É bastante comum atualmente basear o enredo de um *thriller* na idéia de que a posteridade de Jesus, considerado como personagem histórico, ter-se-ia perpetuado até nossos dias, em uma dinastia real, por exemplo, que seria designada como a família do Graal. Inevitavelmente, a figura de Maria Madalena é mencionada como sendo a companheira de Jesus ou sua legítima esposa, hipóteses geralmente ilustradas por referências bíblicas apropriadas e por lendas da Idade Média. Numa leitura feminista da Bíblia, Maria Madalena serve de figura de proa que se propõe corrigir a parcialidade patriarcal desse livro, de modo que frequentemente Madalena é a personagem central nas modernas buscas do Graal, que para mudar, já não é chamado “Santo Graal”, mas “Sangreal”, ou seja, sangue real. A revelação desse segredo remete-nos aos evangelhos gnósticos como a *Pistis Sophia*² e *O evangelho de Maria*³, sobretudo para mostrar que Maria Madalena era a bem-amada de Jesus e que ele “a beijava na boca” (Evangelho de Filipe).

Chegamos, assim, a um terreno delicado e não menos perigoso caso não tenhamos nenhuma idéia do processo que se desenvolve dentro de nós e à nossa volta. Há uma profunda sabedoria que ensina que a união do homem e da mulher pode não apenas ser um símbolo, mas a chave efetiva de uma idéia espiritual superior. Em particular o casamento, a união de Jesus e Maria Madalena, deve realizar-se necessariamente a fim de conduzir toda a humanidade aos mistérios libertadores – o que está em flagrante contradição com os ensinamentos da Igreja de Roma. Este é o saber secreto transmitido de geração a geração por fraternidades secretas. Nas escolas de mistérios, pelo contrário, o casamento sagrado representa a união alquímica que todo ser humano deve realizar interiormente: a união de seus aspectos masculino e feminino, anulando assim toda idéia

de separação. O Espírito divino e a alma humana devem unir-se conforme a descrição profunda dada por Johann Valentin Andreæ em sua obra prima *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*.⁴

Segundo *O Evangelho de Maria*, Maria Madalena é a “companheira de Jesus”, isto é, a nova alma que, libertada das realidades transitórias daqui de baixo, vive em união íntima com o Espírito, seu esposo, personificado por Jesus. Raramente os *thrillers* religiosos transmitem a compreensão de que o segredo do Graal, o casamento sagrado do novo ser humano, não pode se realizar no plano evolutivo da natureza comum. De fato, essa realização supõe o despertar interior da natureza divina do homem, o que não é possível se os impulsos do sangue – fatores de extremado egocentrismo humano – não tiverem sido totalmente neutralizados, deixando assim de causar qualquer interferência. Essa é a diferença crucial da idéia frequentemente evocada de uma união carnal entre Jesus e Maria, que teria dado origem a uma pretensa descendência real que se perpetuaria até nossos dias.

Nos mistérios cristãos libertadores, o “velho homem” – cada um de nós – começa morrendo na cruz deste mundo antes de ressuscitar como novo homem. Essa verdade gnóstica crucial transforma-se em falsa verdade histórica quando fala ao homem de nosso tempo e ele permanece surdo, ou quer permanecer surdo, à exigência incontornável de se transformar e se entrega às suas fantasias. Dizemo-lo sem rodeios: não é possível participar desse mistério sem estar preparado para renunciar a si mesmo e a todas as ilusões. Não existe nenhuma linhagem real que conceda a realeza interior através do nascimento. O inverso é a verdade: somente o *renascimento* interior dá a realeza do Espírito. E neste caso cada ser humano torna-se, ele mesmo, um rei-sacerdote, o herdeiro do Graal. É unicamente dessa maneira que a misteriosa sabedoria se revela.

“O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.” (Rm 8:16-17).

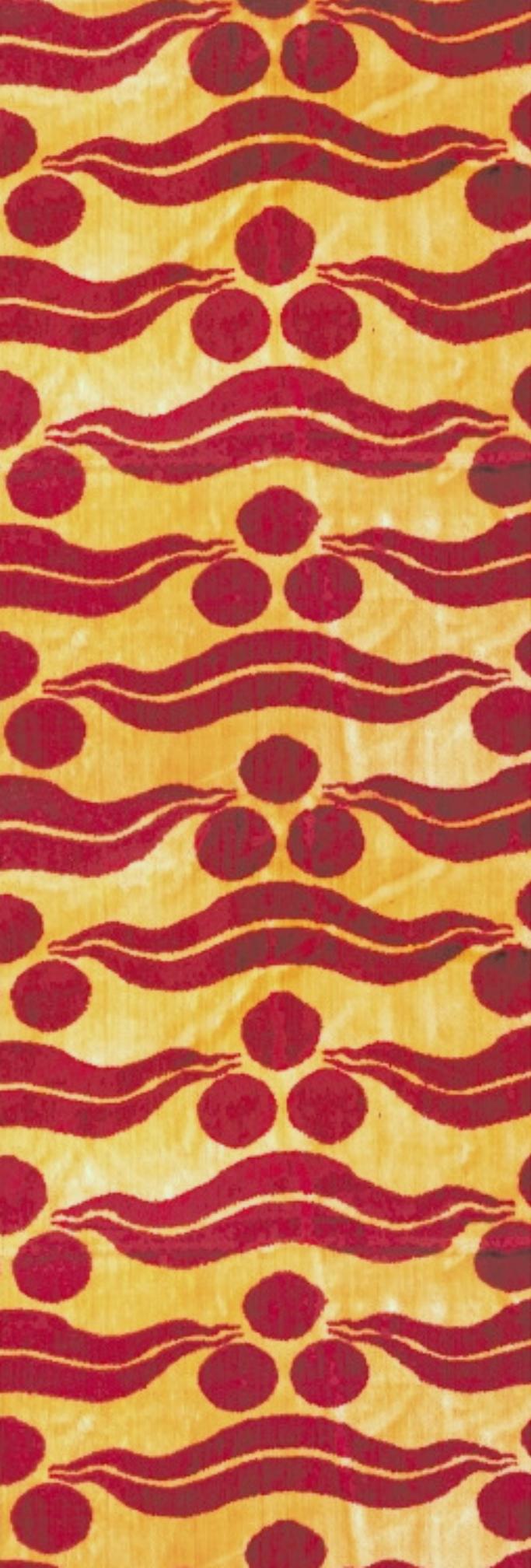
O mistério do Graal dormita nas profundezas inconscientes da memória coletiva da humanidade. Ele está no coração da sabedoria que se oculta nas lendas do Graal, histórias romantizadas e *thrillers* religiosos atuais. Se percebermos isso e liberarmos em nós a sabedoria oculta, compreenderemos a grande renovação espiritual à qual assistimos atualmente, e como ela se expressa por numerosas criações culturais suscetíveis de tocar os buscadores, embora em forma banalizada, deformada e profanada. Mas, ali onde muitos ainda têm necessidade de códigos e de chaves quiméricas, o verdadeiro buscador do Graal perde a ilusão de poder alcançar a realidade no plano exterior. Ele está consciente de que o que lhe é apresentado de modo tão sensacional apenas o desvia de sua busca para o saber interior. Ele não se põe em busca das pegadas de um rei-libertador ou de um de seus sucessores capaz de salvar a humanidade graças a sua herança sanguínea. Com base na consciência recém-nascida, ele sabe que o futuro nascimento do filho real se realiza no próprio ser humano. As forças-luzes libertadoras atuam no sangue de todos os que a ela são receptivos. Esse é o passaporte obrigatório, e não a predestinação pela nobreza do sangue herdado de uma família ilustre, supostamente a do Graal. Nesse processo, os criminosos que aparecem nos romances em questão representam os adversários no próprio ser. São forças opostas que intervêm a fim de impedir qualquer elevação espiritual, qualquer ligação com as forças superiores, qualquer renascimento na Luz. A nova orientação da alma representa a própria taça do Graal na qual o alimento espiritual puro é recebido.

Essa é a verdadeira sabedoria oculta. Ela

não se encontra em parte alguma senão nas profundezas do próprio coração. Não se trata, portanto, de um manuscrito amarelado retirado de uma cripta subterrânea nem de um tesouro escondido no altar de uma antiga igreja. Quando o coração se torna receptivo à sabedoria que não está fora de nós, porém em nosso interior, os véus que pendem diante do coração são afastados. Ao buscador simplesmente curioso ela permanece inacessível e velada, como aos fariseus que possuem a chave do reino de Deus, mas não se servem dela nem a dão aos outros (Evangelho de Tomé). Quem permanece silencioso interiormente será encontrado pela verdade e encontrará a verdade. E a verdade, a sabedoria oculta, lhe retirará os véus dos olhos, abrirá sua vista e se manifestará a ele, nua e sem rodeios. “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11:25).

Após tal revelação, o verdadeiro buscador do Graal vende ao primeiro alfarrabista todos os seus romances adornados com explorações imaginárias, pois eles já não são necessários. Ele descobriu e compreendeu a mensagem velada, e passa a escrever a história de sua própria vida: a total entrega de seu ser interior ao *novo homem*, que é o prólogo e o fim, passado e futuro, o verdadeiro personagem central desse verdadeiro *thriller* que ele está agora em vias de viver. Ele é o vencedor no combate que conduz pessoalmente entre o bem e o mal, entre a Luz e as trevas. É ele que nos faz fechar definitivamente as páginas da antiga existência e abre o livro da nova vida.

- 1 Rijckenborgh, J. v. e Petri, C. de, *A Gnosis chinesa*. Jarinu: Rosacruz, 2006.
- 2 Rijckenborgh, J. v., *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia*. Jarinu: Rosacruz, 2007.
- 3 Dietzfelbinger, K., *O conhecimento que ilumina*. Jarinu: Rosacruz, 2005.
- 4 Rijckenborgh, J. v., *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1993.



DO TESOURO DE HERMES (III)

O amor que torna tudo vivente

*Eu farei jorrar do meu coração o louvor,
dirigirei minha prece aos confins
do Universo,
o começo do começo,
o tesouro eterno buscado por todos os homens,
que engendra luz e verdade,
o sementeiro do Logos, o amor,
que nos concede a imortalidade.
Impossível falar de ti, Senhor,
mesmo em segredo,
porém, o meu espírito cantará louvor
diariamente.
Sou o instrumento do teu Espírito,
a onisciência faz vibrar tua lira.
Teu conselho me inspira.
Vejo a mim mesmo!
De ti eu recebi força,
teu amor nos dá a vida.*

O tratado da oitava e nona esferas celestes,
§ 50, em *Hermes Trismegisto*, p.71.

Estes motivos sobre *Do Tesouro de Hermes*
(p. 4, 22,37) provêm de tecidos
(séculos XIV-XVII) do Reino Otomano.

COMO UMA CRIANÇA QUE DÁ SEUS PRIMEIROS PASSOS

Extraído de uma alocução do simpósio organizado no Centro de Conferências Christianopolis em Birnbach, Alemanha.

O historiador Jacob Slavenburg afirma que a consciência da humanidade passa por seis fases. Ele começa pela relação entre o homem e o divino. Em seguida, descrevendo a progressão contínua de sua materialização e ligação com a matéria, ele mostra como os seres humanos se distanciaram do divino e caracteriza a fase atual da seguinte maneira: “A consciência humana orientada para a matéria igualmente se embarçou de tal modo que em geral já nada sabe acerca da consciência espiritual, do Espírito. Os seres humanos estão, literalmente, separados de Deus”. E mais adiante ele diz: “Um salto da consciência é possível caso os seres humanos reconheçam em si a existência de um núcleo espiritual”.¹

Algo notável é que no início do século 18, o “século das máquinas”, o escritor e filósofo J.G. Herder já adiantava: “Somente o homem está em contradição consigo próprio e com a terra. Embora seja a criatura mais desenvolvida entre todos os organismos, ele é ao mesmo tempo o menos desenvolvido em relação às suas capacidades potenciais, apesar de poder passar sua vida percorrendo o mundo. A causa evidente disso é que mesmo se esta sua última manifestação nesta terra for a

primeira manifestação na vida nova, ainda assim ele se conduz como uma criança que está dando os primeiros passos. Ele representa dois mundos ao mesmo tempo, o que cria sua aparente dualidade”.²

Do ponto de vista gnóstico trata-se de reconhecer essa dualidade. As forças planetárias irradiadoras do início da era de Aquário agem cada vez mais intensamente sobre a humanidade atual. As energias ativas desse período têm um fator desmascarador e não libertador.

Por mais desorientadoras que sejam, elas nada têm de libertadoras. Seja como for, é necessário reagir e cooperar conscientemente com elas mediante livre decisão da vontade. O tempo parece tornar-se mais curto e o sentimento de sermos impelidos adiante torna-se sempre mais intenso. Os homens de hoje esperam da vida a realização imediata de suas idéias, segundo a fórmula: “Queremos tudo, e tudo imediatamente!” Em todo caso, com o tempo os resultados geralmente não correspondem aos seus desejos nem se realizam. Contudo, eles têm agora a oportunidade de compreender a coerência do plano divino para o mundo e a humanidade. O sentimento crescente de não ter um verdadeiro objetivo a ser alcançado na existência torna sua visão mais aguda e dá-lhes a possibilidade de duvidar de tudo em que até então se apoiavam. Por consequin-

te, surgem perguntas do gênero:

“O que ainda é durável, o que ainda tem valor e o que eu possuo realmente? O que posso reconhecer como justo, e quem reconhecerá quem eu sou? Será que exerço um certo poder, ou um poder exterior tem influência sobre mim? Que significado devo dar aos meus pensamentos e sentimentos? O que devo querer a fim de agir de maneira correta?”

Ao se fazer essas perguntas é possível que ele adquira aos poucos o auto-conhecimento e um conhecimento mais profundo do mundo. Nossa verdadeira tarefa é desvendar o mistério desta vida. Nossa época, tão multifacetada, semeia uma grande confusão, mas também pode ser a fonte de uma experiência nova: a experiência espiritual, a experiência divina.

J. van Rijckenborgh, um dos fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea dizia, em 1965: “A luz nasce da luta com base no puro anelo, e é justamente isso que é a auto-realização, essa é a grande obra, é o *mysterium magnum*.”³

O gnóstico não busca a auto-afirmação neste mundo, pois este mundo é efêmero, está ligado ao tempo e ao espaço. Embora a era de Aquário seja vista como fator auxiliador no plano divino, ela não liberta o ser humano de seu aprisionamento no espaço e no tempo. Somente voltando-nos para o que há de mais profundo dentro de nós mesmos, na renúncia ao conformismo às leis deste mundo, decididos a consagrar-nos inteiramente ao retorno à origem, é que será possível elevar-nos a uma dimensão superior. Trata-se, pois, de uma reviravolta que o francês Marcel Proust (1871-1922) descreve da seguinte forma: “Justamente quando tudo parece perdido é que aparece o sinal que nos salva. Quantas

vezes batemos à porta que não nos leva a parte alguma! Mas a única porta que podemos atravessar, após tê-la buscado em vão durante uma centena de anos, é aquela à qual batemos, sem o saber, e ela se abre”.⁴ Essa porta se abre diante de todos os que acumularam experiência suficiente e desenvolveram sua compreensão. Caso passem essa porta, eles serão confrontados com a compreensão de uma manifestação infinita: a plenitude da Gnosis.

Chegamos mais uma vez a uma mudança de era, e passamos agora da era de Peixes para a era de Aquário. Novamente irradia a força de Cristo, a energia divina que cresce neste mundo para nele estimular o processo de gênese de um novo homem. O signo de Aquário, representado por um homem carregando uma ânfora contendo a água viva, o Espírito divino, que é vertida sobre o mundo, é uma imagem vivente. Essa água viva penetra a aridez de nossa antiga consciência e nos confere a compreensão do processo de nascimento de outro princípio totalmente interior.

Um nascimento, uma criança, envolve a idéia de crescimento. Tornar-se adulto de modo puramente biológico ainda não implica o processo de tornar-se divino. Algo completamente diferente deve crescer: o núcleo espiritual vivente de nosso microcosmo; e este só pode crescer por meio de um processo anímico espiritual. A artista Glenda Green diz a esse respeito: “A criança de que se trata não é a criança que você era em sua juventude, porém a alma eterna que você é, eternamente jovem, frágil e inocente, mas também sábia e compassiva. Ela é a criança divina que você é vista pelos olhos de Deus, a criança divina que vive no reino dos céus”.⁵

Aqui não se trata da criança cuja

alma natural começaria a se desenvolver sob a influência do Espírito. H.E. Benedict escreve em seu livro sobre a Cabala, a mística judaica: “O símbolo da alma pura engendrada pela graça do Espírito Santo é a centelha divina que dá nascimento à criança divina no interior de si”.⁶ Somente quem está pronto para se libertar de seu instinto de conservação egocêntrica no mundo transitório pode encontrar a nova alma. Por sua vez, essa alma dá-lhe a força para conduzir sua vida de modo totalmente renovado. J. van Rijckenborgh escreve a respeito da estrutura da nova alma: “Assim, um sistema de linhas de força totalmente diferente forma-se na figura da personalidade comum quanto ao aspecto exterior, porém iluminada e inflamada por correntes vitais totalmente outras. [...] Um novo templo surge. Um templo tríplice, segundo consciência, alma e corpo. Um corpo material, não a figura grosseira da natureza dialética, senão a forma aprimorada de uma nova natureza”.⁷

Uma consciência universal desabrocha na nova alma, cujo brilho irradia interiormente no ser que segue a senda: ele é curado de sua cegueira e passa a ver tudo com novos olhos, tal como o exprime de modo alegórico o Novo Testamento. O despertar da alma torna-o num novo homem.

1 Slavenburg, J. *Ein Schlüssel zur Gnosis*, Birnbach, 2003.

2 Herder, J.G. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*, Liv. VII, 1a. parte.

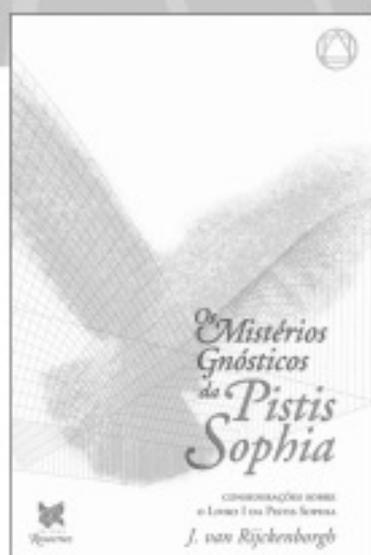
3 Rijckenborgh, J. v., *Os sinais poderosos do Conselho de Deus*, cap. IV (no prelo).

4 Proust, M., *A la recherche du temps perdu*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1987-1989. 4 tomos.

5 Green, G., *Liebe und Bewusstsein, Weisheiten Von Jeshua*, Burgrain, 2003.

6 Benedict, H.E., *Die Kaballa als jüdisch-christlicher Einweihungsweg*, Munique: Auflage, 2003.

7 Rijckenborgh, J. v., *O advento do novo homem*, 2.ed. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1988. cap. 9, 2ª. parte.



OS MISTÉRIOS GNÓSTICOS DA PISTIS SOPHIA

J. van Rijkenborgh

Mesmo depois da descoberta e da publicação da Biblioteca de Nag Hammadi, o evangelho *Pistis Sophia* continua a ser o mais importante dentre os escritos gnósticos que chegaram até nós.

Esse evangelho, cujos personagens principais são Cristo e a Pistis Sophia, revela os ensinamentos esotéricos de Jesus a seus discípulos, dentre os quais a queda do homem no mundo da matéria e como ele pode voltar ao mundo divino com a ajuda da Sophia, a sabedoria divina, dando ao leitor uma visão completamente nova dos quatro evangelhos canônicos e do livro dos Salmos.